

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

Dissertação de Mestrado

SUJEITO E PSICOSE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Ricardo Bertazzo Ghilardi

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marta Regina de Leão D'Agord

Porto Alegre,
Janeiro de 2015

Ricardo Bertazzo Ghilardi

SUJEITO E PSICOSE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Marta Regina de Leão D'Agord

Porto Alegre
2015

Ricardo Bertazzo Ghilardi

A comissão organizadora, abaixo assinada, aprova a dissertação “Sujeito e Psicose na Clínica Psicanalítica” como requisito parcial para a obtenção do Grau Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Comissão examinadora:

Prof^a. Dr^a Andrea Máris Campos Guerra (UFMG)

Prof^a. Dr^a. Analice de Lima Palombini (UFRGS)

Prof. Dr. Fernando Tenório (PUCRIO)

Prof^a. Dr^a. Marta Regina de Leão D’Agord (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos àqueles que motivaram esta pesquisa com seu trabalho, ensino e transmissão das vicissitudes cotidianas da prática clínica psicanalítica. Nos diferentes âmbitos em que me inseri, seja na qualidade de estudante ou profissional, contei com a orientação de pessoas de grande conhecimento e valor, dispostos ao diálogo e a sustentação de uma prática que certamente não nos apresenta muitas garantias ou certezas.

Agradeço a minha orientadora, Dr^a Marta Regina de Leão D'Agord, pela acolhida do projeto de pesquisa e pelo constante e qualificado diálogo ao longo destes anos de trabalho.

Ao psicanalista José Zuberma, pela simplicidade com que cativa e convoca-me ao trabalho.

À professora Martha Brízio, pela acolhida no Núcleo e pela constante referência em minha formação, assim como aos profissionais e colegas do Núcleo e da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Às Professoras Andréa Guerra e Analice Palombini pelos valiosos e necessários apontamentos na qualificação do projeto de pesquisa

Ao Dr. Mario Fleig, pela pesquisa que começa no divã.

À minha família, pelo apoio constante.

À Thiane, pelo amor, amizade e companheirismo. Tua presença foi a garantia de dias alegres e menos sofridos.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

Este trabalho de dissertação de mestrado se desenvolve em torno da pergunta sobre o sujeito na clínica psicanalítica das psicoses e trata de indagar sobre a estrutura em que o sujeito está simbolicamente representado, e na qual, ao mesmo tempo, ele faz parte. Indica-se o termo *sujet* para apontar a direção de Lacan de seu uso, fazendo um apanhado sobre os conceitos de sujeito e psicose na tentativa de desenvolver especificidades da relação entre os mesmos. Nota-se que a inferência clínica de não haver sujeito na estrutura das psicoses está sustentada sobre dois eixos principais que estão apontados neste trabalho: a relação dialética sujeito-objeto e o próprio conceito de estrutura. Neste sentido, faz-se uma crítica a estes dois eixos por não concernirem necessariamente à psicanálise. Utilizamos a banda de Moebius como estrutura topológica em homologia com o conceito de sujeito. Somente depois de se percorrer a banda de Moebius é que se revela que esta é de uma superfície unilátera. Assim também a posição de sujeito é efeito de um percurso no tempo e no espaço. Na escuta psicanalítica trata-se de ler um percurso discursivo (tempo) em um endereçamento ao lugar do Outro (espaço). Esta pesquisa mostra que sujeito é uma posição discursiva, efeito da relação entre a fala e a linguagem. Desta forma, podemos pensar o conceito de inconsciente e suas formações para todo o sujeito falante, indo além das restrições que o conceito de estrutura impõe à emergência do sujeito. Ao final, apresenta-se a hipótese da exclusão do sujeito do campo do Outro, como lugar de reconhecimento do sujeito, o que provoca efeitos tanto no âmbito subjetivo como nas práticas de cuidado que orientam as ciências atuais, como a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise.

Palavras chave: sujeito, *sujet*, psicose, estrutura, clínica psicanalítica.

ABSTRACT

This work of master thesis is developed around the question about the subject in the psychoanalytical clinic of psychoses and inquires about the structure in which the subject is symbolically represented and in which, at the same time, it is a part of. It's indicated the term *sujet* to point Lacan's direction on its use, making a summary on the concepts of subject and psychosis in attempt to develop specificities of their relation. It is noticed that the clinic inference that there's no subject in psychosis is sustained over two principal axes that are pointed in this work: the dialectical relation subject-object and the proper concept of structure. In this sense, it is present a critique to these two axes for doesn't necessarily concern to psychoanalysis. We use the Moebius band as the topological structure in homology with the concept of subject. Only after covering the Moebius band is revealed that it is a one face surface. Through that also the position of subject is an effect of a travel on time and space. At the psychoanalytical listening it's intended to read a discursive travel (time) in a adressedment to the place of the Other (space). This research present that the subject is a discursive position, effect of the relationship between the speech and the language. At this form we can think the concept of unconscious and their formation to every specking subject, going over the restrictions that the concept of structure impose to the emergence of the subject. At the end, it's presented the hypothesis of the exclusion of the subject from the field of the Other as the place of the recognition for the subject, what causes effects on both subjective sphere as in the care practices that guide the current science, like psychiatry, psychology and psychoanalysis.

Keys-words : subject, *sujet*, psychosis, psychoanalytic clinic.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
1.1 INTRODUÇÃO.....	13
1.2 MÉTODO.....	13
1.3 A EXPERIÊNCIA.....	18
1.4 PRIMEIRAS PALAVRAS.....	19
2. ESTRUTURAS CLÍNICAS	21
2.1 O CONCEITO DE ESTRUTURA.....	21
2.2 ESTRUTURAS FREUDIANAS.....	23
2.3 NEUROSE E PSICOSE: A PERDA DA REALIDADE.....	25
2.4 ESTRUTURAS CLINICAS DESDE LACAN.....	29
3. A PSICOSE E O SUJEITO	32
3.1 RETOMADA DO CONCEITO DE FORACLUSÃO.....	32
3.2 O MECANISMO DA PSICOSE E O SUJEITO.....	40
3.3 O SUJEITO NA PSICOSE: 1ª ENTRADA.....	45
3.4 O SUJEITO NA PSICOSE 2ª ENTRADA.....	47
4. <i>SUJET</i>	49
13.1 FREUD E O SUJEITO.....	49
13.2 PALAVRAS E COISAS.....	52
13.3 A FALA E O SUJEITO.....	54
13.4 FALA E PSICOSE.....	58
5. O GRAFO DO DESEJO	61
5.1 O SUJEITO NO GRAFO DO DESEJO.....	61
5.2 A CASTRAÇÃO DO OUTRO (A BARRADO) E O SUJEITO.....	65
6. A QUESTÃO DO RETORNO: FANTASIA X DELÍRIO	70
7. CLÍNICA	73
17.1 A ESCUTA DO SUJEITO COMO DIFERENCIAL.....	75
17.2 O SUJEITO DO INCONSCIENTE E O NOME.....	83
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
10. FIGURAS	91

1. APRESENTAÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto do trabalho clínico psicanalítico e da leitura psicanalítica das estruturas clínicas. Resulta deste trabalho a constante inquietação que a prática clínica proporciona, em diferentes âmbitos do *savoir-faire* com a intitulada *clínica das psicoses*. Uma destas inquietações se transforma em pergunta que pede passagem: a questão do sujeito na clínica das psicoses.

O termo psicose é proveniente da psiquiatria clínica do século XIX, tendo perdurado no século XX sob a denominação de fenômenos elementares da psicose, entre os quais notamos as alucinações, delírio, discurso desorganizado e automatismo mental. Sigmund Freud compartilhou desta posição descritiva, mas destacou-se ao introduzir uma hipótese para o processo psíquico subjacente aos fenômenos.

Ao demarcar a contradição entre uma descrição de fenômenos e uma escuta clínica, Freud faz surgir a questão do sujeito. Na escuta livre associativa de seus pacientes Freud obteve recursos que orientaram uma nova abordagem no tratamento das psicopatologias através da psicanálise. Tal escuta passa a ser o alicerce do que se pôde chamar a “clínica psicanalítica”.

A clínica psicanalítica perpassa todos os âmbitos desta pesquisa: seja em forma, método ou conteúdo. Faz-se necessária a distinção entre a pesquisa psicanalítica, que é orientada por Jaques Lacan e apontado por Dunker (2013, p. 70) como a psicanálise pura (experiência de divã), guiada pela referência da clínica, e a pesquisa em psicanálise, psicanálise aplicada, guiada estritamente pelos conceitos (a teorização psicanalítica).

Entende-se por clínica o ato de debruçar-se sobre o desconhecido em sua singularidade, deixando-se guiar pelo inesperado como potência que integra conhecimento e experiência. Sendo a orientação deste trabalho a clínica psicanalítica, aquela que escuta o que está além do dizer, o que não é dito, toma-se invariavelmente o uso e a definição daquilo que é uma consequência da acolhida da hipótese do inconsciente (por conseguinte, do sujeito) nesta prática: o conceito de transferência. Sendo o manejo da transferência o que diferencia a psicanálise das demais abordagens que se dedicam ao tratamento das psicopatologias, valer-se dela para a constituição deste trabalho é, logicamente, reconhecer o valor de um saber suposto nos enganos desta prática: a acolhida do inconsciente é se deixar levar.

Os profissionais iniciados no trabalho com as psicoses são seguidamente submetidos a uma elaboração teórico/prática prévia que embasa o início de sua escuta clínica. Sem embargo, tal elaboração direciona *a priori* parte da relação transferencial do tratamento, mostrando-se uma constatação inquestionável de um fato clínico que, por certo, é bastante observável. Esta elaboração prévia, que incide no futuro tratamento, é a posição de “objeto” em que está tomado, o sujeito, em sua relação com o Outro totalizante, que Lacan chama de “absoluto” (Lacan, 2010, p. 50). Nota-se, em uma relação de feroz alienação, o sujeito não dispondo de uma distância que o separe do Outro. Tal observação é, também, base para o entendimento de toda sintomatologia da psicose.

A posição de objeto do Outro na psicose é colocada de forma corriqueira como uma característica pouco questionável. Primeiramente, o Outro na psicose é reportado em um lugar de exceção, dizendo-se que a relação do sujeito psicótico com o Outro seria “diferente” ou “particular” em relação à neurose. Cabas (2010, p.175) refere “uma relação especialíssima que o psicótico mantém com o Outro” e Quinet (2011, p.18-19) situa que “a posição estrutural do sujeito na psicose é a de ser o objeto do gozo do Outro, objeto de uso do Outro (...) absoluto que reproduz o primeiro tempo lógico do Édipo”. Essas leituras do ensino de Lacan nos apontam para o sujeito psicótico como objeto do Outro e para a estrutura da psicose referida diretamente à da neurose.

Tais leituras da direção Lacaniana se dão em função do que seria a inoperância da função simbólica inaugural, que é a entrada do significante Nome-do-Pai no registro simbólico. Significante da falta, o Nome-do-Pai substitui o falo imaginário produzindo um esvaziamento na especularidade mãe-filho, separando-os e instaurando a ruptura da totalidade deste Outro, marcando-o com uma falta. A partir desta falta, o Outro não é mais total e se relaciona com o sujeito desde o registro da lei simbólica. Sendo o Outro falho, inscreve-se a possibilidade da função de sujeito, separado do Outro imaginário.

Iniciando com o mais célebre dos paranoicos, Schreber é adentrado pelos raios divinos sem a possibilidade de impedir que isto aconteça. Não há escolha. Em seu delírio é invadido pelo Outro, na figura de Deus, que lhe toma como mulher para dar vida a uma nova raça de homens. Lacan, propriamente, fala de um apagamento da função subjetiva pela não simbolização do significante primordial, o que teria como consequência a posterior formulação do inconsciente na “superfície” ou “à flor da terra” (Lacan, 2010, p. 21).

Encontramos facilmente as seguintes situações clínicas: o psicótico objeto do Outro no delírio; em tempos primeiros de estruturação psíquica, a presença da “mãe psicotizante” (metáfora para quem faz a função materna) que não confere ao sujeito espaço para sua

existência, que não permite a saída da dualidade mãe-filho no reconhecimento de uma relação terceira, “outra”, que introduz o campo do Outro; a frase inconsciente do “querem a minha (do sujeito) morte”. Tudo isso dá margem para pensar a não existência do sujeito na psicose.

Uma relação que não reconheça a posição terceira enquanto campo do Outro faz do Outro um semelhante especular. Podemos tomar o exemplo da inscrição das três pessoas gramaticais Eu, Tu, Ele. A posição terceira, Ele, se dá pela admissão, pela entrada de um outro na relação dual Eu-Tu. De certa forma, a entrada da terceira pessoa promove a inscrição de um intervalo, de um lugar vazio que pode ser ocupado admitindo uma interferência na relação Eu-Tu e promovendo a distinção de cada posição gramatical. Como consequência, temos a possibilidade de que cada pessoa gramatical possa assumir então a posição de sujeito em uma sentença.

Se este lugar vazio do terceiro, que é o lugar do Outro, não se inscreve, encontra-se a dificuldade em fazer um intervalo, um descolamento entre o sujeito e o outro, seja na figura do Tu, seja na figura do Ele. É onde se diz, então, que o sujeito é objeto do Outro: fica a mercê do Outro, sem intervalo que os distingam, indiferenciáveis. No entanto, é um Outro especular, imaginário: o Outro é a imagem do sujeito projetada no espelho.

Vemos que estas elaborações dão margem, certamente, para pensar a inexistência do sujeito na psicose. Em uma relação sem intervalo, sem a presença da terceira pessoa, de um outro que não fosse Eu nem Tu, as posições gramaticais não assumiriam a qualidade de sujeito. No entanto, como se entende essa elaboração em nossa prática clínica? Tenho a ideia de que tomando a inferência “não há sujeito na psicose” por teoria muito rapidamente induz-se uma conclusão precipitada, com reflexos nos próprios tratamentos. Tal entendimento, com ares conclusivos, encerraria um assunto bastante potente e ainda pouco estudado.

Lacan nos adverte, no seminário dedicado às Estruturas Freudianas das Psicoses (1955-1956), dos perigos da compreensão em qualquer âmbito terapêutico (Lacan, 2010, p. 32), o que acontece quando temos a sensação de encontrarmos uma representação para o sujeito. Lacan diz, precisamente, que este é o momento em que falhamos na interpretação.

Portanto, a questão do sujeito na psicose não se encerra aí. Em função da imutabilidade da posição de objeto faz-se rapidamente a leitura conclusiva da não existência do sujeito na psicose. Entende-se isso, pois na dialética sujeito-objeto – o que posteriormente tomaremos por dialética alienação-separação - o psicótico estaria fixado do lado que lhe compete, impedido de transitar entre os dois polos opostos. O que poderia se concluir como a não existência do sujeito na psicose se dá pela rigidez de sua posição na dialética.

Esta pesquisa se dispõe a questionar a exclusividade desta posição, tomada como imutável no início dos tratamentos possíveis das psicoses. Assim, pretende percorrer um caminho, seja no campo teórico ou com exemplificações clínicas, na direção de analisar que possibilidade tem o sujeito de advir nesta estrutura, admitindo de antemão que Lacan jamais restringiu uma posição ao psicótico. Não há, na obra de Lacan, passagem que refira a não existência do sujeito ou a imutabilidade da posição de objeto na psicose.

No plano da teoria, o disparador fundamental desta pesquisa é o conceito de sujeito para a psicanálise e sua relação com a estrutura das psicoses. Em contrapartida, a teoria faz contraste no plano da prática em trechos de tratamentos individuais, situações de hospital-dia, oficinas terapêuticas, apresentação de pacientes e relatos de terapeutas em discussões coletivas de casos: dispositivos de trabalho com a clínica das psicoses que fiz parte ao longo dos últimos anos na Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e no Centro de Salud Mental nº 3 Arturo Ameghino em Buenos Aires, Argentina.

Para justificar esta pesquisa considero a proposta inicial trabalhada por Jaques Lacan ao longo de todo seminário dedicado às psicoses, que implica abarcar o sujeito em suas construções de linguagem como fundamental a todo o tratamento possível das psicoses. Esta proposta fica clara quando Lacan comprova a surpresa de seus ouvintes em observar, na classe de 25 de abril de 1956, posterior a uma de suas costumeiras apresentações de pacientes (no caso, uma psicose alucinatória), “como o que se obtém é mais vivo se, ao invés de tentar determinar a todo custo se a alucinação é verbal ou sensorial ou não sensorial, escutamos simplesmente o sujeito” (Lacan, 2010. p. 242). Em uma bela reflexão, Patrick Valas (2011) nos conta uma passagem que ouvira, desde o divã de Lacan, em uma situação de controle: “pouco importa, me dizia ele (Lacan), que seus pacientes sejam neuróticos, psicóticos, ou não se sabe o quê. Diga-me isso que eles lhe disseram, o que você lhes respondeu e que efeitos marcantes você obteve”¹. Nota-se a importância que Lacan dá à fala em detrimento das categorizações que excluem o sujeito de seu tratamento.

Faz-se notar que no limiar entre o convite e a convocatória de “simplesmente escutar o sujeito”, Lacan orienta sua proposta no sentido de aliar o sujeito a seu tratamento na direção da estabilização de seus sintomas e diminuição de seu sofrimento. Lê-se que sem a presença do sujeito, o efeito do tratamento da psicose não seria significativo. E, ainda, toma o sentido

¹ Tradução livre de « Peu importe, me disait-il, que vos patients soient névrosés, psychotiques, ou l'on ne sait pas qu'aoi. Dites-moi ce qu'ils vous disent, ce que vous avez répondu, et quels effets repérables en avez-vous obtenus ». Em: <http://www.valas.fr/Le-temps-pour-comprendre,244>

inverso de como se organizava até então a lógica nosográfica da psiquiatria fenomenológica que lhe era contemporânea: a mera descrição dos fenômenos sintomáticos que deveriam, posteriormente, serem aplacados.

Neste sentido, a pesquisa que pretenda seguir a linha deixada por Lacan quanto ao tema do sujeito na psicose encontra viabilidade considerável e clínico/metodologicamente passível de ser explorada. Entende-se que desenvolver teoricamente este sujeito que Lacan convoca nas psicoses é dar margem às vicissitudes desta clínica.

No entanto, de que sujeito fala Lacan ao abordá-lo na estrutura das psicoses? Está Lacan distinguindo a que sujeito está se reportando? São questionamentos angulares, que guiam o início desta pesquisa sabendo que estes são cruciais na evolução do fazer clínico com ditos pacientes em busca da estabilização de seus sintomas.

Na perspectiva psicanalítica, pesquisa e clínica se constituem indissociável e mutuamente no ato de pesquisar, de forma que ou a pesquisa é a base para sustentar uma prática clínica ou a clínica é motivo disparador do ato da pesquisa. Neste sentido, propõe-se que a clínica psicanalítica já é propriamente um enlace metodológico do objeto pesquisado, desde onde se posiciona o pesquisador-analista. A proposta de pesquisa no campo teórico provém diretamente da prática clínica e prevê constantemente o seu retorno. Pensa-se que caracterizando e construindo teoricamente a clínica psicanalítica com pacientes psicóticos, possibilita-se a elaboração desta prática.

1.2 MÉTODO

A pesquisa psicanalítica pressupõe uma reescrita, a reelaboração do arranjo teórico do saber estabelecido sem antecipação de qualquer certeza a priori. Tocado pela hipótese do inconsciente e por se deixar levar guiado pela transferência, o saber não passaria de um saber suposto, não absoluto.

A antecipação de um saber *a priori* sustenta a posição da verdade do *pósito* como terceira a quem a produz, que se guia pela existência de uma verdade inquestionável, e que encerraria qualquer possibilidade de experiência com o que é pesquisado. A reescritura, portanto, depende da entrada do sujeito pesquisador na pesquisa que propõe. E a pesquisa psicanalítica acompanha este processo no sentido de que ao pesquisar se elabora um saber possível que atuaria no lugar da verdade, sendo este lugar, inalcançável. A verdade, como o Real, nunca se deixa dizer senão por versões, figurações, discursos que lhe fazem borda.

Com isso, no seminário sobre o Saber do Psicanalista (1971-1972), na aula de 3 de Fevereiro de 1972, Lacan refere que “só se pode semi-dizer a verdade, (...) o essencial do saber do analista: é que nesse lugar de verdade está o saber. É um saber que deve, portanto, ser sempre colocado em questão” (Lacan, 1971-1972, p. 94-95). Pesquisar em psicanálise admitiria de entrada a inconsistência inerente ao Outro, referido no matema (A barrado), posicionado no lugar do Saber (S_2). É isso o que deve, segundo Lacan, ser questionado, pois para este a verdade é sempre falha, e por isso só se pode semi-dizê-la. É o que se comprova pela simples emergência de uma pergunta que orienta uma pesquisa, e lançar-se a ela é também expor o pesquisador à dimensão do inalcançável, nunca absoluto.

Saber e Verdade são temas caros à psicanálise. São conceitos que ganham, com Lacan, um contorno específico, sendo referidos através do posicionamento do sujeito na modernidade científica. É dizer, um sujeito dividido entre os dois conceitos. Podemos ler em *Ciência e Verdade* (1998a) que o operador desta divisão é a ciência moderna fundada em Descartes. A partir da concepção do *cogito* cartesiano, se de um lado temos um saber sobre algo, este não é mais garantia da verdade, que passa a ser uma instância terceira que media a relação dos homens com o conhecimento através de mecanismos distintos e isentos da condição subjetiva. A verdade não está mais atrelada ao saber - seja histórico, familiar, cultural, de experiência, etc - e sim ao que é comprovado pelo método científico. O que podemos chamar de uma nova posição do sujeito frente à verdade e ao saber é a perda da validade do saber do próprio sujeito. É dizer, que a garantia de um conhecimento válido é fornecida agora por aquele que detém os métodos da produção de saber que se comprova válido. Neste movimento, a busca

pelo conhecimento válido passa pela suposição de que alguém o detenha: a suposição de um saber no outro, ou Outro a que se dispõe ser a ciência moderna. Então, que algum outro saiba é condição do sujeito na ciência moderna.

A formulação de Descartes, *penso logo sou*, inaugura a posição de um sujeito que se divide entre a verdade e o saber. Na segunda *Meditação*, Descartes faz a pergunta pelo ser: *o que sou eu?* e propõe a seguinte resposta: *sou coisa pensante*. Desta forma, alia o ser ao pensamento restringindo-o ao que é da ordem pensante, um sujeito que se capta como pensamento em sua representação. Descartes apreende este enunciado como existindo enquanto se pensa. Ser e pensamento têm pesos iguais.

O sujeito, que até então tinha a garantia do saber sobre si, passa a se questionar pelo que se é e sua única garantia agora é de ser uma coisa pensante. Pensar é a única garantia do ser, com a premissa de nada saber. É possível apontarmos, em Descartes, a destituição do saber do sujeito, que está fora, foracluído. E é na relação com o saber que se adentra o campo da verdade, independente do sujeito. Neste sentido, não há espaço para o engano, o equívoco ou a ilusão, pois seriam impedimentos no caminho da verdade.

Lacan convoca novamente o sujeito da enunciação, aquele que fala, a responder por seu saber na busca pela verdade. O saber retorna como formador da verdade, que é inerente ao sujeito que fala: o que até então fora excluído, foracluído do discurso da ciência moderna. Em seu grafo do desejo, Lacan o representada onde se dá a passagem para o segundo andar do grafo, que é o lugar da falta em ser. E onde o sujeito pode fazer algo com isso, ciente da inconsistência do Outro (Rodilla, 2001, p. 173)².

O que pode acontecer não se sabe. Somente em sua condição de fala – e no caso da pesquisa, da escrita - e em seus percalços que o sujeito pode sair da condição de alienação ao Outro.

Aliada a um dos temas desta pesquisa, o sujeito, o método psicanalítico ganha relevância ao possibilitar a entrada da função de sujeito do pesquisador, aquele que opera ao se deixar levar, tocado pela inconsistência do Outro. E isto é, também, ser movido pela falta na busca de uma verdade impossível. Erik Porge (2009), com a citação de Lacan (2008, p. 13) “a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma, e é na medida em que a fala progride que ela a constitui” elabora que a verdade se encontra na progressão de significantes, aliada à característica de *semi-dizer* atrelada ao sujeito, estando os dois conceitos em relação.

² A tradução é livre a partir do original Rodilla (2001, p. 173): "(...) la subversión procede del hecho de salir del campo de lo enunciado, situado en el primer piso del grafo (...) para elevarse al piso superior (...) donde se representa la enunciación y el lugar de la falta en el Otro. Otro, S(A barrado), que en este nivel del grafo está tachado por la falta en ser.

Neste sentido, penso que é fazendo encontros, modificando, flutuando, como a atenção proposta por Freud como técnica, que a figura do pesquisador é possível de se inscrever. Sua relação com o que é pesquisado e o destino da pesquisa se fundamenta quando pressupõem os três elementos enodados, sendo somente na elaboração da pesquisa e escrita em ato que se possibilita o bordeamento da falta que constitui a pesquisa, e o enodamento que demarca uma falta, uma inconclusão.

Na busca por uma forma que inclua a experiência do pesquisador como sujeito na construção do saber parte-se da proposta de Theodor Adorno (2003) da concepção do “Ensaio como forma” para a produção científica. Na necessidade de desconstrução da forma científica positivista de sua época, o autor da escola de Frankfurt propõe a abertura do campo filosófico sem se preocupar com a exigência de conclusões que encerrariam os assuntos pesquisados. O ensaio abre o campo da pesquisa para as intervenções e andanças do pesquisador, admitindo as experiências subjetivas do mesmo, na pesquisa e escrita, na produção de um conhecimento válido. O ensaio possibilitaria os encontros necessários para a emergência do sujeito pesquisador, respeitando o tempo de elaboração do mesmo, além de admitir no próprio ato de escrita ensaística que a experiência vá sendo elaborada.

Tenho como premissa a viabilização da transmissão de uma experiência. Esta pesquisa, que parte da clínica, não tem uma hipótese a ser corroborada e sim algumas questões provocadas diretamente pela prática e pela incidência (ou inconsistência) teórica. Não tendo a pretensão de corroborar hipóteses, não pretendo encerrar temas com conclusões, mesmo que queira possibilitar dar mais um passo teórico em direção à experiência clínica nas psicoses.

Neste sentido, partindo da abertura proposta por Adorno no campo filosófico, admite-se que a pesquisa metapsicológica prescindia do objeto empírico. É a entrada da “feiticeira” na pesquisa, o que é a condição básica da metodologia freudiana. A metapsicologia é a entrada na psicanálise das variações do sujeito na pesquisa científica. É a espera atenta de algo significativo que emerja e situe uma nova posição a que o sujeito pesquisador se oriente em suas propostas. Além do mais, quando Freud esbarrava em alguma dificuldade na interpretação de seus casos, fazia uso da fantasia e da ficção em seu favor, dando-se o tempo do pensamento. Parafrazeando Goethe, em *Análise Terminável e Interminável*, Freud (1996a/1937) refere que se deve, então, chamar “a feiticeira” em nosso auxílio, o que foi considerado a Metapsicologia Feiticeira. Vale dizer: aquela que faz a mistura dos ingredientes mais diversos em seu caldeirão, que precisa ferver para que adquiram uma forma que não seria mais a inicial.

O que se pode entender como certo tempo de preparo também é importante ao pesquisador movido pela falta. Situar-se na condição de espera atenta em seu trabalho de pesquisa, e na variação de suas ideias referentes nos mais diferentes contextos e encontros também trilham o caminho da pesquisa. É o tempo de um percurso que não escapa a possíveis encontros transformadores, valendo-se aqui do conceito de Serendipidade (*serendipity*) recuperado por Caon (1997) de Bachrach (1974) como “a capacidade de fazer, acidentalmente, descobertas desejáveis” no movimento do desejo a que se projeta o pesquisador.

A noção de tempo vem a favor do pesquisador metapsicológico. Mais precisamente, o conceito de Tempo Lógico, que Lacan propõe no escrito “O tempo lógico e a assunção da certeza antecipada” (1998b), no qual dá a ler três referências temporais importantes na relação do sujeito com o tempo. Duas delas são muito precisas: o *instante* de ver e o *momento* de concluir; a outra é indefinida e implicitamente variável: o *tempo* de compreender.

Na medida em que a pesquisa psicanalítica é um prolongamento da própria experiência psicanalítica, o Tempo Lógico também entra em questão. Assim, faz-se um paralelo onde o *instante* de ver equivale ao que convoca o sujeito para além da cena estabelecida do mundo, e a se colocar em marcha. É a marca de um início, a entrada em cena de pesquisa tocado pela falta. O *momento* de concluir é o ato de ruptura que produz um efeito de término, ao mesmo tempo em que pode ser desencadeante de nova questão. Já o *tempo* de compreender admite a implicação do sujeito com a questão motivadora. O Tempo lógico não corresponde ao tempo cronológico, por isso o *tempo* de compreender não caberia em nenhum cronograma, nem o momento de concluir seria simétrico a qualquer término acadêmico. Pode o *tempo* de compreender não corresponder com o *momento* de concluir, mesmo em alguma especificidade – como na defesa de uma tese. O *tempo*, como toda implicação transferencial, admite a dissolução da questão motivadora, dependente da implicação do pesquisador para com ela.

Fédida (1999) trabalha a ideia de tempo de forma clara, mesmo que não sob essa insígnia. Refere que a pesquisa e a elaboração da experiência no caso clínico estão sempre em posição passível de interferências. Podendo ser revisitado, revisado, reinvestido e, porque não, reescrito, dependendo da experiência do autor em diferentes contextos de supervisão, apresentação de caso ou outras exposições. Passa a dimensão de que é no ato da escrita e no tomar novamente a palavra que o caso clínico se constrói, fazendo-nos entender que o caso é do autor, não o tratamento em si. A dimensão da transferência impera, então, sobre o quadro

fenomenológico a ser excluído (ou curado) na construção do caso e a forma do ensaio é uma possibilidade para a sua transmissão.

Pereira (2006) refere que “a forma ensaio oferece a possibilidade de escrever a experiência clínica, além dos matemas”. Neste sentido o pesquisador que, na condição de movimentar-se pela teoria, deixa-se levar pelo inconsciente com os conceitos como operadores, permite o ponto final de um texto acadêmico ao aceitar a impossibilidade de alcançar uma totalidade, admitindo o *quase* como concernente ao discurso psicanalítico. O mesmo autor afirma que “o deslizamento da significação de *quase* para uma afirmação da incompletude necessária é o reconhecimento do impossível como uma dimensão que organiza o sujeito por não cessar de não se inscrever”. Sabemos que a condição do impossível, ou da falta, não é o que organiza o sujeito – o que poderia ser uma questão paradoxal - pois não o situa em um sistema de integralidades, mas o orienta na direção da incompletude. Neste sentido, o *quase* não estaria mais a indicar uma tarefa incompleta, no sentido de ser inconsistente, mas sim o reconhecimento da impossibilidade de alcançar a totalidade, sem a preocupação de fazer uma correspondência biunívoca entre a experiência e seu relato, pois mesmo esgotando-se os recursos ainda faltaria um resto. Com Adorno temos que o ensaio como forma suspende o conceito tradicional de método ao preferir o fragmentário do ensaio à conclusão ou finitude da tese. Com isso o ensaio não teria a pretensão de sistema ou de totalidade e tampouco tomaria totalidades como seu objeto ou sua matéria.

A escrita da pesquisa psicanalítica alia a incompletude do ensaio proposto por Adorno com a limitação do registro Simbólico frente ao Real, como o que vai além do campo representável. Um método científico que opere com o que não se traduz em verdade totalizante, mas apenas em semi-dizer, conduz o pesquisador através de uma atitude crítica em relação à sua pesquisa, pois sabe que ela não se esgota. Tal método que considera a limitação do registro simbólico admite a entrada de um sujeito que propõe uma pesquisa e que esta não se faz senão junto a ele em momentos, encontros, percepções e atos. Ou seja, a escrita do texto de um pesquisador psicanalítico que se propõe metapsicológico espera um autor que fale por si mesmo desde seu percurso, deixando-se levar pelo significante, e é somente aí que pode fundamentar a transmissão de sua experiência.

1.3 A EXPERIÊNCIA

Venho desde o ano de 2010 deparando-me com questões que dizem respeito ao tratamento de pacientes psicóticos em um contexto de Clínica Escola. Vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS é uma instituição com mais de 35 anos de experiência em atendimento clínico com referencial psicanalítico na cidade de Porto Alegre, na qual estive em diferentes momentos e sob diversos registros. Ao longo dos anos participei do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses, comumente conhecido por Núcleo das Psicoses. Este espaço é destinado, sob a insígnia da formação clínica e acadêmica de profissionais da área psi, ao tratamento de sujeitos psicóticos e neuróticos graves. Este Núcleo é formado por terapeutas que tem por interesse ingressar no trabalho com tais pacientes nas modalidades de tratamento que o espaço propõe. Destaca-se a intenção de, futuramente, implantar a modalidade de Hospital-Dia vinculado ao Núcleo, no âmbito da Universidade.

No Núcleo são realizados trabalhos de atendimentos clínicos individuais, oficinas terapêuticas, oficinas com familiares e apresentação de pacientes, sempre levando em conta a singularidade dos sujeitos e sua inserção no contexto social. O Núcleo conta com uma rede de supervisores específica, profissionais formados na Clínica da UFRGS, além de uma reunião de equipe semanal.

No ano de 2010 tive a oportunidade de realizar um intercâmbio de trabalho e estudos, vinculado ao Curso de Especialização em Atendimento Clínico da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, no Centro de Salud nº 3 Arturo Ameghino, na cidade de Buenos Aires, Argentina. Neste local, fiz parte das equipes de Emergência e Hospital de Dia, no qual pude ter contato com o que seria a proposta de trabalho mais desenvolvida no tratamento de pacientes psicóticos nos diversos contextos da prática clínica.

É inserido neste contexto e nestas práticas de trabalho que advém a incitação que é base para esta pesquisa. Tocado pelo cotidiano da clínica com a psicose e com as vicissitudes destes círculos que se dispõe a incluir os sujeitos psicóticos em seu tratamento.

1.4 PRIMEIRAS PALAVRAS

A única passagem do psicanalista francês Jacques Marie Emilie Lacan pela América Latina data do dia 15 do mês de julho do ano de 1980 e tem ocorrência na cidade de Caracas, capital da Venezuela. Neste ano, Lacan está ministrando, em Paris, seu último seminário, “Dissolution”, envolto à dissolução da Escola Freudiana de Paris e da posterior fundação da “La Cause freudienne”, explicitando a prevalência do desejo de seus alunos para seguirem trabalhando com ele. Também é o tempo que marca o final de sua pesquisa e de seu ensino da psicanálise, visto que pouco tempo depois viria a falecer, na capital francesa, em 9 de setembro de 1981.

É nesta passagem pelas terras sul-americanas que Lacan faz um anúncio importante em relação a seu ensino e a sua posição frente à obra freudiana, a quem deve sua principal fonte de recursos e referência em sua própria obra. Seu diálogo com Freud, pode-se dizer que foi ininterrupto, tanto que ao final de seu ensino anuncia mais uma vez a retomada de seu nome. Lacan diz explicitamente: “eu venho aqui antes de lançar minha Causa freudiana. Vocês veem que eu mantenho este adjetivo. Cabe a vocês serem lacanianos, se vocês quiserem. Eu, eu sou freudiano”³.

O que se entende por esta auto nomeação necessária “ser freudiano” frente a seus ouvintes de Caracas? Vegh (2010, p. 21) entende que esta nomeação demonstra um posicionamento crítico: “Que quer dizer para mim, que Lacan se nomeie freudiano? Aquilo que nos mostra sua obra e seu ensino: soube interrogar Freud. Então, seguindo seu ensino, entendo que ser laciano é interrogar a obra de Lacan”.

Entendo, junto com Vegh, que o posicionamento crítico de Lacan é central para quem trabalha com uma referência tão potente como a obra de Sigmund Freud. Mas também que, mesmo Lacan tendo avançado bastante no entendimento do texto freudiano, muito de seu trabalho é interpretativo e explicativo. Lacan utilizada instrumentos conceituais que Freud não dispunha e somente seriam acessíveis posteriormente, como é o caso da Linguística de Ferdinand de Saussure, e da Antropologia Estrutural de Claude Levi Strauss.

Dizer-se freudiano é também tomar Freud como referência. Entender o que ele quis dizer e não como já entendido, fazendo variações de sua obra em favor de seu ensino. Desde este ponto de vista podemos entender pelo ensino de Lacan que este é o ensino da obra

³ Tradução livre de Lacan (1980). “Je viens ici avant de lancer ma Cause freudienne. Vous voyez que je tiens à cet adjectif. C’est à vous d’être lacaniens, si vous voulez. Moi, je suis freudien”. Em: Gaogoa. http://gaogoa.free.fr/Seminaires_HTML/27-D/12071980.htm

Freudiana. E este pensamento é mais facilmente aceitável principalmente no início dos pronunciamentos do psicanalista francês, quando ainda não há um nome Lacan autorreferente.

Podemos nos remeter aos nomes originais de cada um dos seminários iniciais ministrados por Lacan. Os dois primeiros, dedicados a dois casos clínicos de Freud, o Homem dos Lobos, entre 1951-1952 e o Homem dos Ratos, entre 1952 e 1953. Posteriormente, os seminários Os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954); O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise (1954-1955) e As Estruturas Freudianas das Psicoses (1955-1956). Percebemos com isso, então, a relevância da obra freudiana como a referência do ensino de Lacan. Lacan ensina Freud. Ensina o que Freud quis dizer e seu entendimento sobre a obra freudiana, apoiado na linguística de Saussure e no estruturalismo de Levi-Strauss, principalmente por não concordar com os rumos que a psicanálise havia tomado com os pós-freudianos da Psicologia do Ego, e com as postulações do entendimento que os psicanalistas da International Psychoanalytical Association (IPA), associação fundada por Freud, fizeram da obra freudiana. Este desacordo se torna insustentável e acaba pela exclusão de Lacan da IPA, em novembro de 1963.

Não entrarei nos méritos da “excomunhão” de Lacan da IPA, mas tomo com clareza que ela se dá em função da própria obra freudiana. É a interpretação de Lacan desta, e sua posta em prática, que acabam por seu desligamento, sua exclusão da instituição.

Dizer-se freudiano, do início ao fim de seu ensino, marca uma posição que nunca perdeu força. Esse referente lacaniano que é Freud situa a obra de Lacan constantemente pelo que se convencionou chamar “retorno a Freud”. Retorno ao texto e às origens das ideias freudianas, ao que Freud quis dizer, principalmente no início do ensino de Lacan, mas também, como vemos, ao seu final⁴.

Entendo esta referência constante ao texto freudiano como necessária para embasar este estudo sobre o conceito de sujeito e, principalmente, sobre o que se orienta como estrutura clínica das psicoses.

⁴ Não farei nenhuma distinção da obra de Jacques Lacan em relação a sua cronologia. A distinção início/fim não inscreve marcas de passagem. A obra é tomada como um ensino contínuo, sem referência a uma delimitação entre o que se convencionou chamar “primeiro, segundo e terceiro Lacan”.

2. ESTRUTURAS CLÍNICAS

2.1 O CONCEITO DE ESTRUTURA

Mesmo tendo se valido bastante do Estruturalismo, corrente do pensamento das ciências humanas que se popularizou na França na metade do século XX, Lacan nunca se disse um integrante deste movimento. Em uma leitura histórica, Foucault (2000) situa o estruturalismo como método formal de análise que se expandiu em seu país nos anos 1950-1960 em oposição à fenomenologia. Mais precisamente, como uma abordagem adequada ao problema da linguagem. Cito Foucault:

A fenomenologia não era capaz de dar conta tão bem quanto uma análise estrutural, dos efeitos de sentido que podiam ser produzidos por uma estrutura de tipo linguística, estrutura em que o sujeito, no sentido da fenomenologia, não intervinha como aquele que confere o sentido (Foucault, 2000. p 311).

De um modo geral entende-se que o método de pesquisa estrutural pretende encontrar a origem de determinado significado, comportamento, fenômeno ou mesmo prática presente em uma determinada cultura. Assim, procura as relações que se estabelecem entre os significados na formação de algo que se presentifica numa cultura atual de uma determinada forma, ao longo do processo de significação de certas atividades. Ou seja, sua estrutura.

Prescindindo do conteúdo em si, o pensamento estruturalista mantém o foco na estrutura de determinada questão e em como essa se sustenta, na busca pela origem mesma de um comportamento. A base de sua diferenciação com a fenomenologia está na atribuição de sentido que é atrelada ao sujeito, o que na fenomenologia não é tomado como significativo. Neste sentido a corrente estruturalista admite a atribuição dada por um sujeito à determinado objeto. No entanto, é ao redor deste ponto que Lacan propõe uma diferenciação que lhe impede de se valer do uso do termo “estruturalista”. Bem porque alí onde o Estruturalismo encontra (a origem de determinado significado), Lacan situa a falta (um significante perdido). Basta isto para dizer que a argumentação sobre o conceito de estrutura nos remete a um ponto inicial: a origem do que se toma como um objeto de pesquisa científica e que, precisamente, para a psicanálise com Lacan, este ponto está perdido.

Nesse contexto, Foucault vai referir que "a psicanálise, sob a influência de Lacan, fazia aparecer um outro problema (...), o problema era o inconsciente, que não podia ser encaixado em uma análise de tipo fenomenológico" (Foucault, 2000, p. 311). Lacan, assim

como os estruturalistas, também foi um crítico da fenomenologia, mas sua abordagem do inconsciente era impeditiva de referir-se estruturalista. Precisamente, pois o Inconsciente faz referência a uma perda constitutiva, não a um achado objetivo angular para a estrutura.

2.2 ESTRUTURAS FREUDIANAS

É nesta relação entre a referência constante à obra freudiana e o conceito de estrutura que se pode inferir uma noção relevante no entendimento de Lacan sobre a obra de Freud. E principalmente na abordagem, logo de estreia, do tema das psicoses. Toma-se, primeiramente o que Lacan explicita no título do seminário sobre o tema: As Estruturas Freudianas das Psicoses.

Tendo entendido por estrutura aquilo que se sustenta desde uma origem fixa, de atribuição do sujeito, e tendo Freud admitido a inclusão do sujeito na sua escuta clínica, mesmo ainda se valendo majoritariamente dos fenômenos (e da orientação por eliminá-los), pode-se então levar em conta que, ao aproximar o conceito de estrutura a Freud, Lacan está referindo diretamente seu uso. As estruturas são freudianas. E por que são freudianas? Pois tem, em sua origem, uma diferenciação muito precisa, uma operação distintiva. Evento que para Freud era marca de uma diferenciação na organização do psiquismo e, ainda, motivo para investimento ou não de um tratamento psicanalítico.

Propriamente, esta diferenciação era uma defesa encontrada pelo ego frente a uma ameaça iminente da significação de uma inscrição psíquica nociva a sua integridade: a castração. Ou seja, que as estruturas clínicas destacadas por Freud se diferenciavam por uma operação primeira de significação da castração.

Em Freud havia a necessidade da diferenciação dos mecanismos de defesa do eu frente à castração para que o tratamento psicanalítico se possibilitasse. Neste sentido, o estabelecimento da situação transferencial se marcava como fundamental a todo tratamento que se quisesse psicanalítico, e Freud era restritivo ao mesmo quando da não ocorrência da transferência. É em torno da transferência que uma primeira diferenciação entre a estrutura da neurose e da psicose toma forma, justamente em relação a analisabilidade ou não de pacientes que apresentavam sintomas neuróticos ou psicóticos. Esta primeira diferenciação ocorre em 1914, em *Sobre o Narcisismo: Uma introdução* (Freud, 1996b) quando Freud dá conta da separação entre as neuroses de transferência, onde a transferência se estabelecia e era possibilidade para a sequência de uma análise, e as neuroses narcísicas, associadas às psicoses e à advertência em relação às possibilidades de análise.

Mais a frente, em *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1917), Freud afirma a insuficiência da psicanálise para o tratamento das neuroses narcísicas, onde o sujeito é incapaz de estabelecer o laço transferencial.

As neuroses narcísicas dificilmente podem ser acometidas mediante a técnica que nos foi de utilidade nas neuroses de transferência (...). Com elas, o que sempre acontece é, após avançarmos uma curta distância, depararmos com um muro que nos força a parar. Nas neuroses de transferência, como sabem, também nos defrontamos com barreiras de resistência, mas conseguimos demoli-las, parte a parte. Nas neuroses narcísicas, a resistência é intransponível; quando muito, somos capazes de lançar um olhar perscrutador por cima do topo do muro e divisar o que está se passando no outro lado. Nossos métodos técnicos, por conseguinte, devem ser substituídos por outros; e nem sequer sabemos se seremos bem sucedidos na busca de um substituto (Freud, 1996c, pag. 423-424).

Tal era o critério de análise freudiano, que seu paciente fosse histérico, ou que o mecanismo do recalque atuasse no sujeito, possibilitando a transferência. Em 1914, em História do Movimento Psicanalítico, Freud vai ser muito claro ao declarar que “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 1996d, p. 26).

Freud recua frente às psicoses em função do não estabelecimento do laço transferencial. É onde sua teoria do recalque não dá conta de avançar no entendimento da estrutura da psicose, não ocorrendo, nesta estrutura, o laço transferencial necessário a uma análise. Neste sentido, os conceitos de recalque (da significação intolerável ao eu) e de transferência se relacionam muito proximamente. Tendo o recalque, para Freud, papel distintivo e de sobre importância, entende-se que o que não se estabelece sustentado por esse mecanismo no funcionamento psíquico, não ganha o devido valor do autor. Freud era restritivo, pois baseava seus tratamentos em direção à atenuação dos sintomas e ao sofrimento psíquico, tendo na transferência uma aliada na atualização dos sintomas e na dissolução das resistências que se manifestavam frente à direção da cura. Neste sentido, admite que nada pode fazer em relação às neuroses narcísicas, pois nestas “as resistências são intransponíveis”, visto que os sintomas são provenientes de uma operação que difere do recalque: a rejeição.

2.3 NEUROSE E PSICOSE: A PERDA DA REALIDADE

Na diferenciação entre as estruturas freudianas, parte-se primeiramente do mecanismo de defesa correspondente a cada estrutura e, posteriormente, aos efeitos de tal mecanismo no funcionamento psíquico. Tomando como base dois textos do ensino de Freud do ano de 1924, “Neurose e Psicose” e “A perda da realidade na Neurose e na Psicose”, é possível fazer um paralelo que sustente a abordagem de cada estrutura.

Havendo Freud elucidado anteriormente as relações do aparelho psíquico em O Ego e o Id (1923), retoma o tema das diferenças entre as estruturas da neurose e da psicose apoiado em suas novas descobertas em relação ao Ego ao Superego. Este último vai servir à própria diferenciação diagnóstica. Em vista desta nova ferramenta, Freud escreve:

No trabalho que mencionei (O Ego e o Id), descrevi os numerosos relacionamentos dependentes do ego, sua posição intermediária entre o mundo externo e o Id e seus esforços para comprazer todos os seus senhores ao mesmo tempo. Em vinculação com uma sequência de pensamento levantada em outros campos, relativa à origem e prevenção das psicoses, ocorreu-me agora uma forma simples que trata com aquilo que talvez seja a mais importante diferença genética entre uma neurose e uma psicose: *a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo* (grifo do autor) (Freud, 1996e, p. 167).

Neste texto intitulado Neurose e Psicose, Freud faz uma retomada do tema da diferenciação estrutural em vista o aprofundamento do tema da psicose. Baseado nos novos aportes fornecidos pela teoria do ego como operador da realidade do sujeito, mediador das funções psíquicas e das pulsões e campo da relação com o mundo externo⁵ Freud retoma o tema da psicose em relação à neurose acentuando a localização do conflito psíquico em relação ao ego, instância reguladora da realidade. Na polaridade interno-externo é que Freud situa, mesmo admitindo a semelhança do conflito envolvido, a diferença estrutural. Neste sentido, a neurose estaria implicada nas desavenças do ego com as pulsões provenientes do id apoiada no mecanismo do recalque (Verdrängung), que viriam do próprio psiquismo, como realidade interior. Já a psicose se estenderia em um conflito do ego com a realidade externa ao sujeito, não ocorrendo o recalque das pulsões do id, mas a projeção para o exterior de toda realidade nociva à estabilidade do ego, do qual este de nada quer saber. É a rejeição (Verwerfung) da realidade conflitiva.

⁵ Trabalhados em O Ego e o Id (1923)

Seguindo, Freud fornece uma explicação importante sobre o mecanismo do recalque elaborando que “as neuroses transferenciais se originam de recusar-se o ego a aceitar um poderoso impulso pulsional do id ou a ajudá-lo a encontrar um escoador motor, ou de o ego proibir àquele impulso o objeto a que visa” (p. 167). Neste sentido, “o ego se defende contra o impulso pulsional mediante o mecanismo de recalque”. O material recalcado, portanto, lutaria contra esse destino criando caminhos sob representações substitutivas nas quais no ego não operaria o recalque, o que vai atuar diretamente no que Freud vem a chamar propriamente de “sintoma” (p. 168).

Freud já deixa claro, no entanto, o que vai elaborar mais adiante, que esta representação recalcada do id é uma ameaça à unicidade do ego e deve ser combatida. Desta forma, descreve que “não é contradição que, empreendendo o recalque, no fundo o ego esteja seguindo as ordens do superego, (...) que por sua vez se originam de influências do mundo externo que encontraram representação no superego” (p. 168), tendo então o ego, a serviço do superego e da realidade, entrado em conflito com o id, causando a neurose de transferência. Faz-se interessante notar, também, a aproximação entre superego e realidade externa, como aliadas do ego no controle das pulsões do id.

Quanto às psicoses, Freud refere um “distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo”. Relatando a “amênia de Meynert”, crise psicótica de confusão alucinatória aguda, exemplar para o contexto explicativo, Freud observa que “o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não tem o menor efeito” e que inclusive o mundo “interno”, enquanto cópia do mundo externo perde sua significação. Em decorrência disso, Freud anuncia que:

O ego cria, automaticamente, um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que este novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável (Freud, 1996e, p. 168).

Constate-se com isso, em decorrência da falência do mundo externo que não sustenta mais a própria realidade, a posterior desorganização do mundo interno, correlata do primeiro. Em função da reorganização da realidade do sujeito psicótico, Freud faz um anúncio do que viria a ser a restituição da realidade através do sintoma psicótico. Neste momento, o “novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id”.

Posteriormente, Freud exemplifica o delírio como “o que se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo” (p. 169) e então, conclui, retomando o texto de 1911 referente ao presidente Schreber, que “no quadro clínico da psicose, as manifestações do processo patogênico são amiúdes recobertas por manifestações de uma tentativa de cura ou uma reconstrução” (p. 169). Tomando estas proposições concebemos o avanço freudiano no entendimento do sintoma psicótico para além do fenômeno, indo de encontro com o que era da ordem do restabelecimento da realidade perdida na crise, o que posteriormente vai ser referido por Lacan como um fenômeno de linguagem.

Para concluir, Freud faz uma última proposição a respeito da delimitação estrutural de seus tipos clínicos. Nesta, separa as psicoses clássicas do termo diagnóstico neurose narcísica, no que é um avanço para a discriminação das estruturas clínicas. Escreve Freud: “as neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; as neuroses narcísicas, a um conflito entre o ego e o superego, e as psicoses, a um conflito entre o ego e o mundo externo” (Freud, 1996e, pag. 170). Desta forma, o tema das psicoses se afasta da questão do narcisismo primário e marcha em direção ao mundo externo.

Em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924) Freud novamente coloca em questão as diferenças e semelhanças entre estas estruturas através do que se pode ler como uma pergunta, cuja resposta é a base para a distinção entre ambas: o que fazer com uma exigência pulsional que se impõe à “mente” e questiona a realidade do ego?

Neste texto, Freud examina as formas como o sujeito reage, através do recalque ou da rejeição do pensamento que surge à mente, frente à exigência pulsional causadora do conflito psíquico. Freud faz ler que na neurose há um afastamento da realidade através do recalque, onde o sujeito tenta não se ver com a questão que se impõe ao ego, mas que retorna como causa do sintoma neurótico, onde o sujeito se relaciona com a questão indiretamente. Ao passo que na psicose o sujeito rejeita completamente a ideia surgida e, junto a ela, a realidade que se impõe à mente. Na tentativa de restaurar esta realidade, surgem os sintomas psicóticos. No entanto, tanto a neurose como a psicose se assemelhariam no constante retorno deste conteúdo, caracterizando a realidade da pulsão do id como prevalente a realidade do ego.

Freud é bastante claro neste ponto. Vai elaborar que “a neurose e a psicose diferem uma da outra muito mais em sua primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação que a segue” (Freud, 1996f, p. 207), ou seja que “provavelmente na psicose o fragmento de realidade rejeitado constantemente se impõe à mente, tal como a pulsão reprimida faz na

neurose, e é por isso que em ambos os casos os mecanismos também são os mesmos.” (Freud, 1996f, p. 207-208).

É neste mesmo texto que Freud faz uma introdução importante na distinção da reconstrução da realidade perdida tanto na neurose como na psicose. Através do *mundo da fantasia* (p. 208) a realidade psíquica realiza certo ajustamento com o ego, e através dos sintomas psicóticos, a realidade externa ao sujeito é reconstruída, visto a perda total da realidade, que é rejeitada.

2.4 ESTRUTURAS CLÍNICAS DESDE LACAN

Partindo da noção de estrutura, é possível seguir em várias direções. Notadamente, o termo “estruturas clínicas” nunca foi utilizado diretamente por Lacan em nome da distinção operativa do psicanalista em sua clínica. Com efeito, Eidelsztein (2011, p. 16) refere que este termo é um “feito de leitura⁶” da obra lacaniana, aliado à “intenção de estudar” e assim operar sobre a clínica psicanalítica mediante a aplicação do conceito de estrutura. Tratando-se, para Lacan, da busca de uma inteligibilidade para a psicanálise, mas nunca uma classificação nosográfica de operação do psicanalista.

Seguindo a linha da inteligibilidade, primeiramente toma-se o que refere Eidelsztein (2012a, p. 49) quando trabalha com o conceito de estruturas clínicas. Este autor faz notar que no seminário dedicado às psicoses (1955-1956) Lacan utiliza uma primeira definição do que toma como conceito de estrutura: “conjunto co-variante de elementos significantes”. Não é a toa que esta definição está presente neste momento na obra de Lacan, mas isso será visto na sequência. O que é importante neste momento é entender que estrutura e significante mantêm uma relação fundamental. Eidelsztein explica que nesta definição de Lacan estão presentes dois conceitos matemáticos associados à noção linguística de significante. Assim, analisa-os separadamente.

Por *conjunto* refere, mesmo que este conceito careça de definição precisa, como “uma modalidade matemática de operar com a enunciação de uma totalidade de elementos, - os de tal conjunto - mas que estuda os efeitos de considerar tal coleção como um *todo*”, que passa a ser um objeto sem referente. Tal noção de totalidade desde o começo trouxe muitos paradoxos matemáticos, entre eles o Paradoxo de Cantor, como o conjunto de todos os conjuntos, e o Paradoxo de Russell, ou do conjunto de todos os conjuntos que não são elementos de si mesmo; entre outros.

Aproximando tal desenvolvimento com o campo psicanalítico, Eidelsztein elabora que este requer uma noção de estrutura considerada como um “todo não completo”, tanto completo como incompleto e que a noção de conjunto cumpre essa função ao articular intimamente o todo e o não todo. Assim, elabora que toda língua é completa para significar tudo o que um falante desta língua necessite ou queira comunicar. Neste sentido, nada lhe faltaria. É o que Lacan define como “bateria do significante”. Ao mesmo tempo em que toda língua inclui em si mesma a falta, o que Lacan designa com a expressão “tesouro dos

⁶ Tradução livre de “hecho de lectura”.

significantes”. Comenta, então que toda “bateria” é completa dentro de um conjunto restrito, mas que nem todo “tesouro” contempla todo ouro do mundo e que esta noção do não-todo é o que predomina na referência à estrutura, como a que a psicanálise. Ela é condição para o sujeito falante de uma língua e sempre que se opera com este sujeito falante esta noção do “não-todo” é requerida.

Por *co-variante*, entende-se como aquilo que designa o feito de que cada um dos elementos é não o que aparenta ser, mas um lugar vazio no sistema de relações que mantém com todos os outros. Este termo permite fazer uma distinção mais precisa entre o que é estrutura e outros tipos de sistemas ou organizações de elementos, já que nela (estrutura) os elementos co-variam. Ou seja, carecem de identidade própria. E, além disso, que ao mudar um elemento, necessariamente mudam todos os outros.

Por *significante*, tomamos como a manifestação material de uma série finita de fonemas, elementos diferenciais últimos da linguagem. Como tal, não significam nada e sua capacidade de significar algo depende do mesmo sistema de co-variação, tanto no âmbito da cadeia significante como no âmbito da bateria ou tesouro dos significantes. Eidelsztein especifica fazendo um paralelo entre a cadeia significante, que brinda os significados particulares, com a bateria ou tesouro dos significantes, cujos significados se cristalizam em uma determinada cultura e que se encontram em um dicionário. No entanto, mesmo compartilhada por certo número relevante de sujeitos falantes, é uma cristalização apenas aparente ou ilusória, já que bastaria qualquer mudança de contexto a qualquer significante para que sejam insuficientes todas as definições do dicionário para o estabelecimento do significado que possui em uma ocasião. Assim, Eidelsztein vai concluir dizendo que “a estrutura do significante não é nem um objeto real nem um modelo teórico, é mais bem uma máquina que determina a realidade do sujeito falante” (Eidelsztein, 2012a, p. 53).

Então, retomando a definição de estrutura para Lacan como “conjunto co-variante de elementos significantes”, aliado ao fato de que uma estrutura é sempre estrutura de linguagem, notamos uma diferenciação importante quanto ao referido pelos estruturalistas como um sistema que se estrutura sobre uma coisa em si – através do significado - e a noção de estrutura que se orienta desde a falta, que leve em conta a proposição linguística do significante. Mais precisamente, o significante perdido, significante da falta: o Nome-do-Pai.

Os efeitos da inclusão (*Bejahung*) ou da forclusão deste significante Nome-do-Pai para o funcionamento psíquico é algo sobre o qual a psicanálise, a partir de Lacan, vai referir a diferenciação da estruturação psíquica de um sujeito. Mais precisamente, os efeitos do recalque, que implicam na neurose, envolvem a substituição de um significante que se

“presentifica” de forma latente, como o conteúdo inscrito de uma ausência. Já os efeitos da forclusão implicam a ausência radical da referência significante, não havendo substituição senão uma falha, um simples furo no registro simbólico. Ou seja, onde em uma estruturação responde um significante latente, em outra responde uma falta radical. Este furo, que muitos autores, entre eles Soler (2012), destacam como um “defeito”⁷ simbólico traz consigo particularidades a nível do gozo e fundamentalmente um “defeito” no efeito da castração.

Faz-se então necessária uma retomada deste conceito diferencial que é a forclusão.

⁷ A utilização do termo “defeito” pode suscitar uma interpretação da estrutura neurose como normatizadora do aparelho psíquico com a qual não estou de acordo. Tendo a entender a estruturação da psicose como fundamentalmente outra, independente da comparação com a neurose. No entanto esta referência é relevante para apontar as vicissitudes da constatação da castração, o que será importante para a sequência deste trabalho.

3. A PSICOSE E O SUJEITO

3.1 RETOMADA DO CONCEITO DE FORACLUSÃO

A primeira ocorrência do termo Foraclusão (*forclusion*) no ensino de Lacan se dá na classe de 4 de julho de 1956, último encontro do seminário que o psicanalista francês dedicara ao tema das Estruturas Freudianas das Psicoses. Tal ocorrência ainda não é definidora do que, futuramente, virá se lançar como um conceito fundamental para os casos de psicose ou, como chamará Lacan, uma “questão preliminar” a todo tratamento possível das psicoses, mas já aproxima a relação deste novo termo com o que é da ordem da “fenomenologia” da psicose e sua relação com o significante.

A ocorrência é a seguinte:

En tout cas, pour la phénoménologie de la psychose, il nous est impossible de méconnaître l'originalité du signifiant comme tel, à savoir que c'est de l'accès, de l'appréhension d'un signifiant auquel le sujet est appelé, et auquel pour quelque raison, pour laquelle je ne m'appesantis pas pour l'instant, et autour de laquelle tourne la notion de la Verwerfung dont je suis parti, et pour laquelle - incidemment tout bien réfléchi - je vous propose en fin d'année, puisque nous aurons à le reprendre, d'adopter définitivement cette traduction que je crois la meilleure : « *la forclusion* », parce que notre « rejet » et tout ce qui s'ensuit, en fin de compte ne donne pas satisfaction. Mais laissons le phénomène de la Verwerfung en tant que tel comme point de départ (Lacan, 1956, p. 245)^{8,*}

Notamos neste primeiro momento a preocupação de Lacan com uma “melhor tradução” para o termo alemão *Verwerfung* que Freud usara para referir o tipo de defesa do Eu frente a uma representação intolerável, que precisamente seria a representação simbólica da constatação da castração no Outro. Também percebemos logo a sua relação com o significante que articula o sujeito, “do acesso e da apreensão do significante na qual o sujeito é chamado”.

⁸ Em: <http://staferla.free.fr/S3/S3%20PSYCHOSES.pdf>

*. Faz-se necessário aqui o uso da versão Staferla em detrimento da versão do texto estabelecida por Jacques Alain Miller do Seminário, Livro 3, As Psicoses, por entender que, em vista um momento de extrema importância na referência à fala de Lacan, tal versão, comparativamente, está distorcida e passa uma ideia de menor valia quanto a importância correta da tradução do termo freudiano para a língua francesa. A versão estabelecida é a que segue: “Em todo caso, é impossível desconhecer, na fenomenologia da psicose, a originalidade do significante como tal. O que há de tangível no fenômeno de tudo o que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal, e da impossibilidade dessa abordagem. Não torno a voltar à noção de *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor – a foraclusão”. (p.369-370)

A questão da tradução é importante, pois o mesmo termo utilizado por Freud ao longo de sua obra é traduzido diferentemente em vários pontos da obra de Lacan, até a conclusão deste pelo uso do termo *Forclusion* como definitivo. Lacan utilizara em Resposta ao comentário de Jean Hyppolite (1953) as traduções de “supressão” e “expulsão”. O mesmo termo “exclusão” fizera uso no início do seminário de 1955, dedicado às Estruturas Freudianas das Psicoses: “(...) Freud admite um fenômeno de exclusão para o qual o termo *Verwerfung* parece válido” (p. 21).

Primeiramente traduzido por “Rejeição” na análise do caso do Homem dos Lobos (1915), Freud vai indicar sua diferenciação com o “Recalque” da representação intolerável, e incidir na distinção Neurose-Psicose que foi anunciada pela primeira vez em “As psiconeuroses de defesa” (1894). Uma constatação imprescindível para o entendimento do processo da *Verwerfung*: “Há, entretanto, uma espécie de defesa, *muito mais poderosa e bem sucedida*⁹. Aqui o eu rejeita (*Verwift*) a ideia incompatível juntamente com seu afeto e comporta-se como se a ideia jamais tivesse ocorrido”. (Freud, 1996g, p. 64).

Joël Dor aponta-nos a relevância desta passagem:

Diante deste processo de rejeição, Freud indica, porém, que se o eu se separa da representação, não se pode perder de vista que esta é sempre associada a um fragmento da realidade (da castração). De modo que, rejeitando a representação, o eu se separa, logo, também, de uma parte da realidade. Essa dinâmica é, aliás, coerente, no sentido de que, se a representação é inaceitável, isso é porque a realidade que lhe está ligada é ela própria inadmissível (Dor, 1991, p. 94).

Retomando o texto freudiano, a *Verwerfung* seria o mecanismo de defesa *mais eficaz* na lida com a representação intolerável. E mais eficaz no que condiz com a rejeição de uma realidade insuportável.

Quando Lacan define o uso do termo *forclusion* para tal defesa do eu, não o faz a toa. É o chamado para a inscrição do que vem a, posteriormente, ser um conceito específico no contexto das psicoses que está armando com seu campo conceitual do significante, que vem desenvolvendo desde seus primeiros seminários. A ferramenta de diferenciação com o que é da ordem da neurose.

Isto se dá em função da necessidade iminente de circunscrever cada estrutura em um campo conceitual específico neste momento da obra de Lacan. É o passo que o psicanalista francês dá neste início de percurso e que vai guia-lo ao longo de seu ensino.

⁹ Grifo nosso.

Neste sentido, Dor (1989) comentará que por mais inovadora que tivesse sido, a concepção psicanalítica freudiana das psicoses continuaria sendo insatisfatória na medida em que não conseguiria estabelecer uma especificidade pertinente da etiologia do processo psicótico. Em particular, as referências teóricas adiantadas por Freud não permitirão elaborar um critério suficientemente operatório para diferenciar estruturalmente as neuroses das psicoses. Dor (1989, p. 97) elabora que Freud foi levado a circunscrever a natureza do processo psicótico ao terreno da “perda da realidade”, o que por consequência introduziria no sujeito a necessidade de reconstruir (de um modo delirante) essa realidade de que foi separado. Neste sentido, entende-se que através da substituição deste fragmento da realidade Freud atenua as diferenças entre a neurose e a psicose, sendo estruturalmente semelhantes quanto à existência de uma defesa e de haver uma substituição da realidade, mas diferindo quanto à modalidade da mesma. Se na neurose temos o recalque e o fantasma inconsciente, na psicose encontramos a alucinação e as formações delirantes. É dizer, que o Eu se defende de uma representação insuportável para manter a realidade estruturada, desta forma se vale de mecanismos de defesa para suprir a realidade perdida, garantindo a realidade psíquica.

Lacan vai explorar esta substituição valendo-se novamente de conceitos da linguística. Através do uso da metáfora e da metonímia exemplifica o funcionamento de cada defesa, na comparação com os termos que Freud propôs no capítulo 7 de “O Inconsciente” de condensação e deslocamento. Uma substituição metafórica, ou por condensação, estaria do lado da neurose e seria a troca de uma representação insuportável por uma aceitável ao Eu. Já a substituição metonímica, ou por deslocamento, mais presente na psicose, seria a troca não de um termo por outro, mas por uma relação de proximidade significativa não justaposta, numa progressão de significantes.

Seguindo com o efeito operativo da defesa psicótica, entendemos junto com Dor (1989) que Lacan irá situar a forclusão como um critério metapsicológico operatório na distinção dos processos psicóticos. Primeiro, porque permite compreender por que certos mecanismos característicos da neurose – como o recalque – não permitem explicar o advento da psicose. E, ainda, que ele pode especificar o processo psicótico que incide sobre um significante em particular: o Nome-do-Pai. Se o Nome-do-Pai é foracluído no lugar do Outro, então a metáfora paterna fracassa. É o que dá consistência à diferenciação entre neurose e psicose. O fracasso da metáfora paterna compromete a mediação pelo simbólico, mantendo o sujeito em uma relação imaginária, dual.

Lacan trabalha mais detalhadamente o conceito de *forclusion* no seminário sobre O desejo (1958-1959), desde as formas de negação de sua língua francesa que localiza na gramática de Damourette et Pichon.

Na classe de 10 de dezembro de 1958 elabora com um exemplo gramatical a noção de forclusão, desde as duplas partículas da forma negativa na língua francesa.

Tomemos uma frase como "Não há ninguém aqui". Ela é "forclusiva": é excluído no momento que haja alguém aqui. PICHON se detém ao observar que cada vez que em francês nós nos deparamos com uma "forclusão" pura e simples, sempre é preciso que empreguemos dois termos: um "não", e depois algo que aqui é representado por "ninguém", e que poderia ser o "pas": "Eu não tenho onde morar"; "Eu não tenho nada a vos dizer", por exemplo (Lacan, 1958, p. 59).¹⁰

Na classe de 17 de dezembro do mesmo ano Lacan será claro e preciso quanto a origem do termo que utiliza para o que é uma negação radical, forclusiva, em diferença de uma negação discordancial:

Eu fiz alusão na última vez à gramática francesa de Jacques DAMOURETTE e de Édouard PICHON, edição: D'ARTREY. O que eu disse da negação, do "forclusivo" e do "discordancial", é repartido em dois lugares dessa gramática, no segundo volume onde ele recolheu todo um artigo sobre a negação que fixa os dados do "forclusivo" e do "discordancial".

Esse "forclusivo" que é singularmente encarnado na língua francesa por esses "pas", "absolutamente", "ninguém", "nenhuma gota", "nenhuma migalha", que portam neles mesmos esse signo de origem no traço, como vocês o vêem. Pois tudo isso, são as palavras que designam o traço, é aí que a ação de "forclusão", o ato simbólico da "forclusão", é relançado em francês, o "não" permanecendo reservado ao que é mais originalmente, ao discordancial.

A negação, em sua origem, em sua raiz linguística, é algo que emigra da enunciação ao enunciado, como tentei lhes mostrar na última vez (Lacan, 1958, p. 67).¹¹

¹⁰ Tradução livre de: Prenons une phrase comme « Il n'y a personne ici. ». Ceci est « forclusif » : il est exclu pour l'instant qu'il y ait ici quelqu'un. PICHON s'arrête à ceci de remarquable que chaque fois qu'en français nous avons affaire à une « forclusion » pure et simple, il faut toujours que nous employions deux termes : un « ne », et puis quelque chose qui ici est représenté par le « personne », qui pourrait l'être par le « pas » : « Je n'ai pas où loger. », « Je n'ai rien à vous dire. » par exemple. (LACAN, 1958, p. 59)¹⁰. Em: <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf>

¹¹ Tradução livre de : J'ai fait allusion la dernière fois à la grammaire française de Jacques DAMOURETTE et d'Édouard PICHON, éditeur: D'ARTREY. Ce que j'ai dit de la négation, du « forclusif » et du « discordantiel », est réparti en deux endroits de cette grammaire, dans le deuxième volume où il y a ramassé tout un article sur la négation, qui fixe les données du « forclusif » et du « discordantiel».

Ce « forclusif » qui est si singulièrement incarné dans la langue française par ces « pas », « point » ou « personne », « rien », « goutte », « mie », qui portent en eux-mêmes ce signe de leur origine dans la trace, comme vous le voyez. Car tout cela, ce sont des mots qui désignent la trace, c'est là que l'action de « forclusion », l'acte symbolique de « forclusion », est rejeté en français, le « ne » demeurant réservé à ce qu'il est plus originellement, au « discordantiel ».

La négation, dans son origine, dans sa racine linguistique est quelque chose qui émigre de l'énonciation vers l'énoncé, comme j'ai essayé de vous le montrer la dernière fois.» (LACAN, 17 /12/1958, p.67). Em: <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf>

Adotamos a ideia de que o momento da tradução de Lacan para o francês do termo freudiano *Verwerfung* é substancial para a inscrição de um novo tempo na visão e entendimento das psicoses. Ele passa, neste efeito de tradução, de um registro simbólico, no campo dos fenômenos a nível do Eu - rejeição de uma ideia insuportável para - a outro - de forclusão do significante primordial Nome-do-Pai, campo dos fenômenos da linguagem. É um suporte que possibilita Lacan seguir o desenvolvimento de sua lógica do significante associado aos fenômenos de linguagem na psicose. A inscrição deste termo Forclusão no registro do significante, ganha contorno de conceito imprescindível, questão fundamental à abordagem das psicoses em sua relação com os fenômenos de linguagem.

O significante Nome-do-Pai é a representação intolerável, a representação da constatação, da falta no Outro. É esta representação insuportável que sofre os mecanismos de defesa do Eu. Recalcado, na neurose, recusado ou desmentido na perversão e foracluído na psicose. A representação, que então sofre algum mecanismo de defesa do Eu, é situada desde a metáfora paterna: a representação de um vazio. Simbolização de uma existência perdida no nível da consciência.

Já em 1958, no escrito *Questão Preliminar a todo Tratamento Possível das Psicoses*, Lacan conclui:

A Verwerfung será tida por nós, portanto, como a forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica (Lacan, 1998c. p. 564).

E, em seguida, situa o mecanismo da forclusão como a diferença que separa o registro da psicose da neurose.

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose (Lacan, 1998c, p. 582).

Na estrutura da neurose, teríamos a inscrição no registro simbólico do significante que representa a figura paterna, que faz a metáfora do vazio. Pelo mecanismo do Recalque, a representação insuportável da castração sofreria uma alteração considerável para seguir na

consciência, seja para uma representação tolerável, como nas neuroses obsessivas, ou ser objeto de uma conversão do tipo histérico (Dor, 1991).

Na psicose, todavia, esta representação ganha o destino do Real. Não resta nada de sua inscrição no registro simbólico. De fato, toma-se o fato por nunca ter acontecido. Pelo mecanismo da forclusão, a representação não se inscreve no registro simbólico e vai para o registro Real. Nasio aponta mais claramente que:

A forclusão (...) é o nome que a psicanálise dá à falta da inscrição, no inconsciente, da experiência normativa da castração, experiência crucial que, na medida em que é simbolizada, permite à criança assumir seu próprio sexo e, desse modo, tornar-se capaz de reconhecer seus limites (Nasio, 1997, p. 173).

É precisamente aí onde Lacan retoma e sustenta um conceito freudiano fundamental para o entendimento da inscrição do significante e seu destino. A partir do texto *Die Verneinung*, A Negativa (1996h) de Freud, que Lacan refere como “o momento da origem da simbolização” (LACAN, 2010. p. 60). Neste, Freud comenta o mecanismo de “teste de realidade”, onde na tentativa de verificar a veracidade das representações internas, deve-se haver um correspondente do ego-prazer ao ego-realidade. Neste mecanismo pressupõem a acolhida primordial (*Bejahung*) do significante, já inscrito do lado do sujeito. É a noção básica do que é da ordem do recalque: que para algum significante ser recalcado, é preciso que ele já tenha sido acolhido pelo sujeito, que comprove na “realidade” suas representações inconscientes. A *Bejahung* então é um processo anterior ao recalque, logo há uma suposição de sua existência para que o mecanismo do recalque opere. Portanto, a ausência da *Bejahung* é também condição à noção de rejeição (*Verwerfung*) que se dá nos casos de psicose, o contrário da *Bejahung*. Lacan irá referir mais propriamente: “ao nível dessa *Bejahung* pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia – o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* primitiva terá um outro” (p. 100). E ainda, “há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é, a afirmação do que é, ou *Verwerfung*” (p. 101).

Lacan trabalha, ao longo deste seminário sobre as psicoses, desde o conceito de negação como o que virá ser a base para referir o conceito de Forclusão, termo encontrado pelo autor na gramática francesa de Pichon e Damourette. Esta sendo a negação radical: o que negaria tudo. É dizer, o que não aconteceu e não deixou nenhum rastro. Foi foracluído e ao sujeito nada restou. O sujeito nada sabe disso.

Não se dando a acolhida primordial (*Bejahung*) nem o próprio processo de negação (*Verneinung*) operaria, tendo em vista que se daria na origem da acolhida do significante. Sendo assim, o que é da ordem da posterior função do significante falha na psicose, provocando uma forma muito particular de relação do sujeito no registro simbólico da linguagem. Ao propor o conceito de Foraclusão do significante para entendermos a psicose, Lacan parte destas pistas fornecidas por Freud que dão conta de uma expulsão completa do que é da ordem do significante do lado do sujeito.

A castração remete à ideia de um impedimento no acesso ao Outro, a um litoral que marca os limites do sujeito e do outro, sustentada pelo desejo materno. É o que possibilita o afastamento referindo o nome que vai fazer a função do pai, a metáfora paterna que insere o sujeito em uma ordem simbólica, um lugar de filiação. Na estrutura psicótica a rejeição à castração dada pela foraclusão do significante Nome-do-Pai, na metáfora que não se inscreve do lado do sujeito, toma sua importância na constituição psíquica, que vai a partir de então se relacionar muito propriamente com a linguagem e com o registro Simbólico.

Quanto ao recalque, se há recalque, se há algo que fica recalcado, esse algo é um significante. O que se recalca, recalca-se da cadeia simbólica. É dizer, desde que fala, todo ser humano, independente de sua estrutura, é um sujeito tocado pela linguagem, fazendo-se relevante aqui a diferença iminente entre o sujeito do significante e o sujeito da linguagem. É um efeito posterior a *Bejahung* primordial, sendo esta condição para o recalque.

No entanto, deste mar de significantes que amparam o corpo do sujeito (S_2), um destes (S_1), por retroação vai abolir-se da cadeia simbólica, deixando uma marca, um furo na estrutura desta linguagem compartilhada por todos. Este, significante unário, símbolo do recalque original, que idealmente poder-se-ia dizer representante do sujeito, está para sempre perdido. Suas tentativas de fazer-se representar não seriam mais do que tentativas frustradas, versões de si mesmo, que tamponariam momentânea e disformemente uma falta constitutiva. Está para sempre sujeitado à cadeia significante, impedido à completude do ser.

No processo da psicose, quando o sujeito se defronta com a castração, não tem meios de responder desde o registro do significante. A metáfora não funciona, pois foi excluída, foracluída da cadeia significante que é condição para o sujeito. Então, quando o Nome-do-Pai não surge no lugar onde era esperado, segue-se no sujeito psicótico uma série de remanejamentos de elementos simbólicos que subvertem os referenciais habituais do espaço e do tempo e que, sobretudo, perturbam as representações relativas a sua filiação. Todos esses remanejamentos são induzidos pela vacância criada no simbólico. O que Lacan chamou de furo ou buraco no campo do significante. Ao redor deste furo ergue-se uma “nova realidade”,

que substitui a realidade perdida, anterior ao evento foraclusivo. Lacan (1998c, p. 549) vai então, baseado em Freud, apontar que o fundamental do processo da psicose não é tanto a perda da realidade, mas o mecanismo de formação de uma nova realidade: a foraclusão do significante Nome-do-Pai do Simbólico no Real, base para o entendimento de qualquer fenômeno da psicose.

O que tínhamos antes então, com Freud, era o mecanismo de rejeição *Verwerfung*, onde “aquilo foi internamente abolido retorna desde o fora” (Freud, 1996i, p. 78). Com Lacan, através do mecanismo da foraclusão, temos a frase correspondente “o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung* (foraclusão) reaparece no real” (Lacan, 2010, p. 22). No entanto, não podemos tomar as correspondentes em justaposição termo a termo, principalmente porque com o advento do termo lacaniano passamos a entender e a referir a psicose através de seus fenômenos de linguagem e não mais através das patologias do Eu. Essa é uma mudança significativa no entendimento dos processos psicóticos.

Entender os fenômenos da psicose como fenômenos de linguagem faz com que precisemos qualificar tais manifestações através de uma operação. Esta operação é a foraclusão do significante Nome-do-pai do registro Simbólico no registro Real. Não havendo a acolhida (*Bejahung*) deste significante, que inscreveria a dimensão do inconsciente, não há marca desta referência acessível ao simbólico, no qual responde apenas um furo. Não há recurso simbólico ao sujeito quando demandado desde o significante paterno, que é o significante fálico. Quando o sujeito é demandado a responder falicamente neste lugar, não encontra tal referência no Simbólico. É então que advém, desde o Real, uma tentativa de suprir esta falta no Simbólico, o que constitui o fenômeno psicótico da linguagem: delírios, alucinações, automatismo mental, etc.

Partimos deste conceito de foraclusão para indicar a diferença precisa, no registro da linguagem, que Lacan faz operar na distinção freudiana entre neurose e psicose. O movimento de Lacan é elucidar e avançar, com a entrada na noção de significante, no entendimento das estruturas clínicas freudianas.

Com isso temos agora base para explorar mais de perto o que, desde a proposição freudiana de defesa do eu frente à representação insuportável até a foraclusão do Nome-do-Pai, é da ordem do sujeito e sua relação com a psicose.

Notamos que Lacan, através da foraclusão (*Verworfen*), convoca o reencontro do sujeito perdido. Podemos então seguir com esta aproximação de que os conceitos sujeito e psicose (e de inconsciente e psicose) podem se relacionar de uma forma interessante e significativa para a clínica das psicoses. Partamos a ela.

3.2 O MECANISMO DA PSICOSE E O SUJEITO

Ao longo da obra de Lacan podemos perceber a evolução do conceito de forclusão quanto a seu uso e, principalmente, em referência ao sujeito. Primeiramente utilizado como o diferenciador fundamental entre as estruturas clínicas de Freud, passa a ser usado como operador do que poderia ser entendido como a organização de certa lógica social na modernidade. Com isso, abre-se a possibilidade de pensar o mecanismo próprio da psicose como um operador que situa o sujeito na esfera social. Sujeito e psicose passam então a ter uma relação ainda mais direta, principalmente no final da obra de Lacan.

No escrito de 1966, intitulado *Do sujeito enfim em questão*, Lacan implica a psicanálise e os psicanalistas na questão do sujeito, tal como foi deixado de lado pela ciência moderna. Afirma:

Queremos falar do sujeito colocado em questão por esse discurso, pois ao reinstaurá-lo aqui, pelo ponto em que de nossa parte não faltamos para com ele, é apenas fazer justiça ao ponto em que ele nos concedia um encontro marcado (Lacan, 1998d, p. 229).

Ao discorrer sobre a questão, o autor refere que o conceito de sujeito está diretamente implicado nas questões da verdade, a que se propõe a ciência, sua portadora.

Essa 'reforma do sujeito', que é aqui inauguradora, deve ser relacionada com a que se produz no princípio da ciência, comportando essa última um certo adiamento no que tange às questões ambíguas a que podemos chamar questões da verdade (Idem. p. 234).

Em vista do tema proposto por Lacan, Philippe Julien (2002) afirma que:

Lacan inaugura uma nova nosografia, pois ela abre em 1953 um trilhamento que vai subverter a nomeação de psicose (...) ficando claro que o nascimento da psicanálise na cultura só se torna possível na modernidade científica, ao qual é intrinsecamente sincrônica, (...) podendo-se dizer que uma demanda de análise só aconteceria com a passagem desse homem moderno à psicose (p. 35).

Ou seja, o que se leria como a forclusão do sujeito da ciência moderna.

Portanto a psicanálise nasceria como um sintoma da ciência moderna, onde o sujeito foi excluído pregando-se o discurso do saber, como independente ao sujeito, cada vez mais

alheio a ele. Foracluído de seu discurso, o sujeito retorna no real da psicanálise, pois assim como o Real, “insiste em não se inscrever”. Insiste em não deixar de emergir como possibilidade de abrangência da dimensão do novo, do desconhecido.

Lacan fala de uma insistência, de um “encontro marcado” com aquilo que estava operando por seu efeito, esperando para emergir novamente por ter sido excluído do campo da ciência. Implica-se aí o conceito de verdade como aliado à emergência do sujeito, na qualidade do semi-dizer. E, ainda, da ideia de sujeito como o que escapa quando reduzido ao campo da verdade ou da compreensão.

Elia (2010), comentando o texto e a elaboração lacaniana elabora que é a ciência moderna que estabelece as condições reais de aparecimento do sujeito, no entanto,

não o toma em consideração, não opera com ele nem sobre ele. Pelo contrário, exclui-o de seu campo exploratório no momento mesmo em que, ao constituir este campo, supõe o sujeito. O sujeito é suposto pela ciência para, no mesmo ato, ser dela excluído, mais exatamente, de seu campo de operação (pag. 14).

Aí, o mesmo autor refere a afirmação de Lacan de que “o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise não pode ser outro que não o sujeito da ciência”: aquele que é excluído por ela e retorna na psicanálise. Desde então Elia comenta que a “subversão própria à psicanálise, em relação ao sujeito que já estava colocado pela ciência desde o seu advento como ciência moderna, é ter criado as condições de operar com esse sujeito”. Reinstaurando o sujeito, sua incidência na construção da verdade através da valência de seu discurso.

O que notamos então, no decorrer do ensino lacaniano é a ocorrência do mecanismo da foraclusão dissituado de sua função restrita à defesa do eu a uma representação insuportável. Nota-se que o mecanismo passa de uma esfera subjetiva para o campo social, servindo como operador de certas práticas estabelecidas na atualidade. E retomando o texto freudiano, o operador *mais eficaz*.

Em *Ciência e Verdade* (1998a) Lacan faz entender que o mecanismo da foraclusão pode expandir-se do campo do significante restrito à psicose para uma posição de operador de uma exclusão propriamente dita. Diz que, em relação à guia da ciência moderna, aquela inaugurada pelo cogito cartesiano que reduz o ser ao pensamento, “o sujeito está (...) em uma exclusão interna a seu (da ciência) objeto” (Lacan, 1998a, p. 875).

Como operador da ciência moderna, a exclusão do sujeito é pré-condição para situar a verdade como uma entidade terceira ao sujeito e, sendo terceira, ela atesta sua condição de

existência (a verdade existe). O que se toma, para seu advento, é então a “forclusão do sujeito na ciência moderna”, o que lemos de Lacan através de Elia (2010).

É dizer, o que o sujeito tem a dizer, seu conhecimento histórico, cultural ou seus desejos já não contam mais para a constituição da verdade do ser nem para a sua realidade. A ciência moderna, sem sujeito, controla o regime interno da verdade, através de seu método de investigação. Notamos que, através deste mecanismo de formação e “comprovação” da verdade pode-se estabelecer o que seria um discurso válido, inválido ou mesmo delirante. Ou seja, a verdade, o que se comprova cientificamente, atuaria ativamente na construção fantasmática, individual, da realidade na modernidade.

Já em 1972, Lacan elabora o discurso do capitalista para demonstrar o funcionamento da lógica do capital em relação a produção subjetiva. Neste, faz uma pequena alteração no discurso do mestre (que é o discurso do inconsciente) para dar forma ao discurso do capitalista. Diz precisamente que

A história mostra ainda que este discurso (mestre) viveu durante séculos de um modo proveitoso para todo o mundo, até que um certo desvio, no qual se viveu, em razão de um deslizamento ínfimo que passou inadvertido para os próprios interessados, o que o especifica desde então como o discurso do capitalista, do qual não teríamos nenhum tipo de ideia se Marx não houvesse dedicado a completá-lo, a dar-lhe seu sujeito: o proletariado. Graças ao qual o discurso do capitalismo se expande onde quer que reine a forma do Estado Marxista (Lacan, 1971-1972, p. 62-63)¹².

Esta pequena inversão no discurso do mestre apontada por Lacan é a passagem do significante mestre (S_1) da posição de agente do discurso para a posição da verdade, e o sujeito barrado da posição da verdade para a posição de agente. Assim, rompendo a lógica do fantasma inconsciente do discurso do mestre e o par ordenado do significante paterno orientando o saber.

¹² Tradução livre de “La historia muestra aún que este discurso (mestre) vivió durante siglos, de un modo provechoso para todo el mundo, hasta un cierto desvío, en el que se volvió, en razón de un deslizamiento ínfimo que pasó inadvertido para los propios interesados, lo que lo especifica desde entonces como el discurso del capitalista, del que no tendríamos ningún tipo de idea si Marx no se hubiese dedicado a completarlo, a darle su sujeto: el proletario. Gracias a lo cual el discurso del capitalismo se expande donde quiera que reine la forma del Estado marxista”.

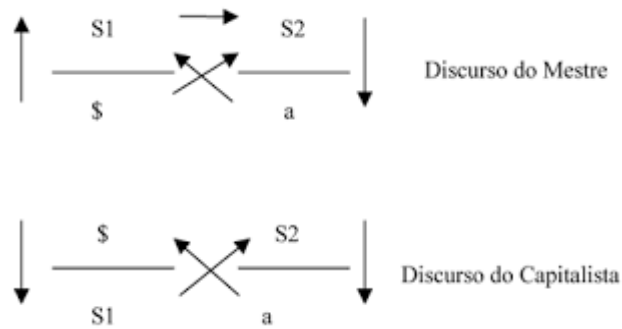


Figura 1

Zuberman (2009) afirma que “como efeito desta caída do significante paterno, constatamos diariamente a queda dos ideais políticos, profissionais, familiares ou laborais, o que Lacan chamou de declínio da função paterna” (s.p). O rompimento do fantasma inconsciente acarreta a perda da interrogação que guia o sintoma neurótico para o sujeito (o que acontece comigo?), de forma que o questionamento pelo ser não se implica mais no discurso capitalista.

Para situar, então, o discurso do capitalista, Lacan refere:

O que distingue ao discurso do capitalismo é isto: a *Verwerfung*, a recusa, a recusa fora de todos os campos do simbólico, com o que já disse que tem como consequência. A recusa de que? Da castração. Toda ordem, todo discurso que se entronca no capitalismo deixa de lado o que chamaremos simplesmente as coisas do amor. Amigos meus, veem isso? Não é pouca coisa (Lacan, 1971-1972, p. 63)¹³.

É o que se entende pela “forclusão das coisas do amor no discurso do capitalista”. Estas “coisas do amor” são tudo o que organiza o sujeito desde a lógica paterna, a inscrição no registro simbólico, do significante. O que Lacan aponta é que esse sujeito que o discurso do capitalista produz “é rapidamente consumido”. É bombardeado com a propaganda para o consumo, incitado a agir de determinada forma como necessidade de gozar em acordo com a padronização do ideal vigente. Sem escolha, sua relação com o objeto de consumo é determinada pela lógica de mercado, não pela referência ao sujeito do desejo.

Zuberman (2009) comenta que:

¹³ Tradução livre de: “Lo que distingue al discurso del capitalismo es esto: la *Verwerfung*, el rechazo, el rechazo fuera de todos los campos de lo Simbólico, con lo que ya dije que tiene como consecuencia. ¿El rechazo de qué? De la castración. Todo orden, todo discurso que se entronca en el capitalismo, deja de lado lo que llamaremos simplemente las cosas del amor, amigos míos. ¿Ven eso, eh? No es poca cosa”

A recusa das ‘coisas do amor’ não questiona, não interroga um romantismo idealista, nem ao ideal exaltado da ‘naturalidade do corpo’ senão um pragmatismo que desnuda amor e sexo, o que se constata na oferta pormenorizada, particularizada e especificada de sexo que se oferecem nos classificados que qualquer jornal. O Ideal é precondição do recalque e Lacan fala às claras de *Verwerfung* (s.p.)¹⁴.

Entende-se que a *Verwerfung* atua, nos contextos da ciência e do capital, como grandes articuladores sociais na atualidade. Essa exclusão do sujeito, já inferida por Lacan ao longo de seu ensino, retorna no real da psicanálise. É dizer, a prática psicanalítica é aquela que escuta ao sujeito. Para isso se vale de algumas técnicas, entre elas a transferência.

¹⁴ Tradução livre de: El rechazo de “las cosas del amor” no cuestiona, no interroga un romanticismo idealista ni el ideal exaltado de “la naturalidad del cuerpo” sino un pragmatismo que desnuda amor y sexo, lo que se constata en la oferta pormenorizada, particularizada y especializada de sexo que ya ofrecen los avisos clasificados de cualquier matutino. El Ideal es precondición de la represión y Lacan habla a las claras de *Verwerfung*

3.3 O SUJEITO NA PSICOSE: PRIMEIRA ENTRADA

Situando-se desde a psicanálise, na linha inversa ao paradigma positivo da descrição fenomenológica, assume-se a forma diversa do sofrimento psíquico e a formação particular dos sintomas. Lacan, na aula de 25 de Abril de 1956 de seu seminário sobre as psicoses chamou o embasamento descritivo na abordagem dos fenômenos psicóticos de “categorias de escola: alucinação, interpretação, sensação, percepção” (Lacan, 2010, pág. 242), formas com as quais, até então, a prática médica organizava tal gama de fenômenos. Em contrapartida, Lacan é pontual e refere que “se obtém algo muito mais vivaz se ao invés de tratar de determinar como seja se a alucinação é verbal, sensorial ou não sensorial, simplesmente se escuta ao sujeito”.

A proposta central de Lacan na abordagem das psicoses coloca-se logo de entrada, no mesmo seminário de 1955-1956. Posicionando-se como “secretário do alienado”, conduz-nos referindo que aquelas categorias anteriormente citadas:

de modo algum está no nível em que se põe o problema, e que é mesmo um começo bem ruim, que não deixa nenhuma esperança de pôr corretamente a questão do que é o delírio, e do nível onde se produz o deslocamento do sujeito em relação aos fenômenos de sentido. (Lacan, 2010, p. 242)

Propõe, então, que “não obstante, há de se tomar as coisas em seu equilíbrio, e esse se situa no nível do fenômeno significante-significado” (Idem).

Como sempre, Lacan não caminha muito distante de Freud, que no texto Sobre o Mecanismo da Paranoia (1996i, pag. 67) diz que “o caráter distintivo na paranoia deve ser procurar alhures (...) na forma específica assumida pelos sintomas”, mas suas construções inauguram, propriamente, uma nova concepção do fazer clínico com pacientes psicóticos. Como sabemos, mesmo tendo Freud aberto caminhos para a escuta do sintoma psicótico, não a desenvolve com mais profundidade.

A Lacan coube escutar os sujeitos “ao pé da letra”, em equilíbrio, o que até então era considerado algo que se deveria evitar. No entanto, é justamente aí que se possibilita a entrada em jogo daquilo que ficara de fora na abordagem e no tratamento destas afecções, isto é, o sujeito, e, a par de sua teoria, o sujeito e sua relação com a linguagem.

Assim, Lacan é claro ao referir seu novo posicionamento metodológico, dizendo:

Metodologicamente, temos o direito de aceitar então o testemunho do alienado sobre sua posição a respeito da linguagem e temos que tomá-lo em conta na análise do conjunto das relações do sujeito com a linguagem (Lacan, 2010, p. 244).

Tendo em vista a diferença muito particular do sujeito psicótico com relação à linguagem, Lacan busca uma originalidade no discurso sem julgar antecipadamente a caducidade do sujeito psicótico e admite aí a possibilidade de valor naquilo que escuta, por mais perturbadas que estas relações possam ser com o “mundo exterior”. Nesse caminho percebe que “o delírio das psicoses alucinatórias crônicas manifesta uma relação muito específica do sujeito em respeito ao conjunto de sistemas de linguagem em suas diferentes ordens” e, mais adiante vai afirmar que o testemunho tem o valor que “se impõe como a estrutura mesma da realidade” para o sujeito, visto que na psicose não haveria outra realidade à que se reportar, e que propriamente estas são, já em Freud, “manifestações de uma tentativa de cura ou de uma reconstrução” (Freud, 1996i, pag. 169) de uma realidade do Eu que se desfaz. Posteriormente, Lacan concluirá de forma mais específica que para o esquizofrênico “todo Simbólico é Real” (Lacan, 1998e, p. 394).

Percebe-se, desde então, a preocupação metodológica de Lacan com sua proposta de abarcar o sujeito em sua relação com o sentido daquilo que fala e como uma virtude daquele em questão no tratamento das psicoses. É dizer: reconhecer a função do sujeito em suas próprias construções de linguagem. O que diz sobre si mesmo em seu tratamento passa a se constituir primordialmente como necessário, visto que justamente, para o sujeito psicótico, a linguagem é a estrutura mesma da sua realidade.

3.4 O SUJEITO NA PSICOSE: SEGUNDA ENTRADA

Vimos que a admissão do sujeito é a própria subversão da psicanálise em relação à ciência que foraclui o sujeito de seu discurso, na construção da verdade. Este sujeito reinserido no discurso da verdade, no entanto, dá margem para um questionamento que também é guia desta pesquisa: *que sujeito é esse de que fala Lacan quando propõe escutá-lo?* Esta pergunta abre uma brecha interessante, a que fazem referência uma parcela de temas: trata-se meramente da pessoa em tratamento, sujeito falante e consciente de si, ou do sujeito do inconsciente, sujeito barrado pela castração e orientado pelo significante? Como pensar na proposta de Lacan, que é do início de seu ensino, quando o discurso do sujeito era o da ordem do significante, tendo este construído outra forma de pensar o sujeito, ao final de seus seminários, já com as ferramentas que lhe propiciou o estudo da topologia, formas que subvertem a geometria euclidiana e as coordenadas do plano cartesiano?

É justamente na condição de continuidade, característica das estruturas topológicas – mais especificamente na Banda de Moebius - que Lacan refere o sujeito do inconsciente como aquilo que é um efeito de discurso, no sentido da fala. Apoiado em tal figura, sugere a idéia de superfície aberta, transitável, não mais fechada, na condição de recalçada, que emerge de um dentro para fora. Está no mesmo plano da consciência enquanto se produz naquilo que se diz. É um efeito do discurso e encerra toda noção de profundidade, não havendo mais uma passagem ao profundo, ideia freudiana de inconsciente.

Eidelsztein (2012b) refere que na Banda de Moebius, enquanto respondendo pela estrutura do sujeito do inconsciente, “não há uma face superficial e nem uma face profunda, senão que são a mesma, já que não há duas faces” no inconsciente. Ora, tendo em vista que em Freud a linha do recalque separava as instâncias do aparelho psíquico e era fundamental na distinção dos diagnósticos, estaria Lacan abrindo o caminho a um possível sujeito do inconsciente também na psicose?

Ao apresentar-nos o esquema R, no escrito “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*” (1998c), Lacan nos indica possibilidades neste caminho, referindo em nota de rodapé, acrescentada em 1966 (pág. 560), a banda de Moebius, na área sombreada, através de uma semi-torção, o que por consequência causa a extração relativa ao objeto “a” no campo do Outro.

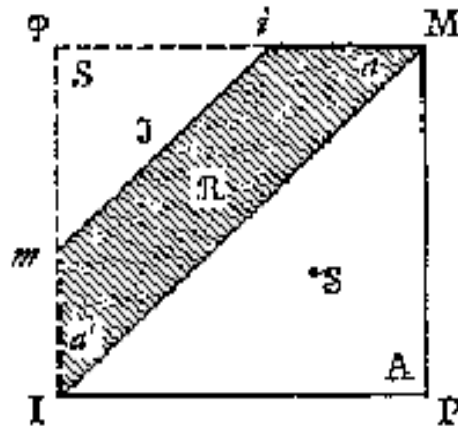


Figura 2

Eidelsztein (1992) comenta que Lacan nos indica que 'R' não é o Real, mas 'o campo da realidade'. Realidade que, como indica o esquema, borra-o: o campo da Realidade cobre, encobre o campo do Real.

Lacan indica-nos, com seu esquema, a estrutura imaginária da Realidade. A isso responde o sombreado que, além de indicar que a Realidade 'borra', 'encobre', como uma tela, o Real, também indica como a Realidade está superposta ao campo do Imaginário e apoiada no Simbólico, como todo o Imaginário (Eidelsztein, 1992, p. 91-126).

É interessante pensar a banda moebiana como a estrutura topológica correlativa ao sujeito, tendo em vista a estrutura imaginária da realidade apoiada no simbólico e, além do mais, encobrindo o real. A realidade enquanto justaposta ao real encobre a emergência daquilo que não se inscreve, e que quando é exigido questiona toda a estrutura da realidade do sujeito. Vemos no triângulo imaginário (tracejado) a insígnia fálica (ϕ), enquanto relativa à significação do sujeito (S), em oposição ao significante Nome-do-Pai Real (P), relativo ao Outro (A) no triângulo simbólico (contínuo). Justamente, com o significante Nome-do-Pai foracluído do registro simbólico na psicose, uma exigência fálica pode revelar o furo no registro simbólico e a posterior desintegração da realidade, sustentada pelo quadrilátero MimI.

4. SUJET

13.1. FREUD E O SUJEITO

Devemos a Lacan a elaboração conceitual do termo *sujeito* no universo simbólico corrente da psicanálise. Mais precisamente, o termo - *sujet* - em francês, língua de Lacan, guarda uma particularidade fundamental e importante a se analisar. No entanto, coube a Freud seu anúncio, em 1915, no texto *As pulsões e suas vicissitudes*. Cabas (2010) em sua pesquisa sobre “o sujeito da psicanálise de Freud a Lacan” revela, através do índice elaborado por James Strachey da obra de Freud, que este faz uso do termo “sujeito” apenas uma vez ao longo de toda a sua obra. Em uma nota de rodapé, Strachey faz questão de elucidar ao leitor sua “confusão”, quando se depara com o termo utilizado por Freud. O texto freudiano refere:

O par de opostos sadismo-masochismo como um processo que pode ser representado da seguinte forma: (a) o sadismo consiste no exercício da violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto. (b) esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu, efetua-se também a mudança de uma meta pulsional ativa para uma passiva. (c) uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade instintual, tem de assumir o papel de *sujeito* (Freud, 1996j. p. 133)¹⁵.

A nota de esclarecimento de Strachey que segue é:

embora o sentido geral desses trechos seja claro, pode verificar-se certa confusão no uso da palavra ‘sujeito’. Em geral, sujeito e objeto são empregados respectivamente para a pessoa no qual um instinto (ou outro estado de espírito) se origina, e a pessoa ou coisa para a qual é dirigido. Aqui, contudo, sujeito parece ser utilizado para a pessoa que desempenha a parte ativa na relação – o *agente*. (Strachey, 1996, p. 133)

Para Cabas o que aparentemente parece ter pouco relevo tem um peso decisivo, pois promove, na leitura de Lacan, o embasamento necessário para a construção de sua teoria sobre o sujeito. Ainda seguindo comentário deste autor, Lacan vai se debruçar minuciosamente sobre o referido texto de Freud em seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise onde aponta a aparição de um “novo sujeito”, ao advento propriamente dito do sujeito, para além da polaridade ativo-passivo da pulsão.

¹⁵ No original: c) Es wird neuerdings eine fremde Person als Objekt gesucht, welche infolge der eingetretenen Zielverwandlung die Rolle des Subjekts übernehmen musst (FREUD, 1975 [1915], p. 91).

É de se notar que a função de sujeito no movimento do masoquismo analisado por Freud aparece quando o agente intelectual da ação se esconde como objeto da ação do outro. Fazendo-se a vítima da ação deste outro, atua ativamente segundo sua cena fantasmática. Ou seja, Freud passou do uso do termo sujeito no sentido de relação sujeito-objeto, no sentido do fenômeno, para um uso gramatical, formal, sendo que sujeito é aquele que age. No entanto, não se trata de uma ação concreta, mas da ação enquanto verbo, uma ação gramatical.

Cabas faz notar que:

tal argumento (...) ultrapassa as fronteiras da fenomenologia descritiva. Como também (...) subverte o terreno das representações intuitivas a partir do momento em que converte o sujeito – que é tradicionalmente tido como o agente da operação, como o elemento ativo – em um saldo ou, mais precisamente, em um efeito. Um efeito do circuito pulsional (Cabas, 2010. pag. 23).

Precisamente, esse sujeito tido como efeito de um circuito – posteriormente de um discurso - é o que se toma como base para o entendimento da conceitualização posterior do sujeito. A produção desse efeito que se pode dizer *sujeito*. Neste contexto, o sujeito do enunciado, ativo na ação e autor aparente do castigo, fica reduzido ao estatuto passivo, submetido à ação do autor da cena fantasmática, sujeito da enunciação. Portanto, o sujeito como efeito é uma das vicissitudes da pulsão.

Este novo sujeito que Freud faz surgir, no entanto, não é tomado em sua extensão. Mesmo promovendo a divisão da consciência humana com o domínio do inconsciente, Freud segue associando este sujeito ao eu, ligado à razão do inconsciente. Ao longo de sua obra, mais precisamente desde os Estudos sobre a Histeria (1996k/1893), Freud faz uso do termo *Ichspaltung* como tentativa de dar conta de um fato clínico decorrente do que propunha ser o mecanismo de defesa do Eu, o recalque, mas que se associa mais a uma divisão da consciência do que propriamente a uma divisão do Eu. Todavia, já intui algo de uma divisão.

O recalque tido então como mecanismo primeiro do que vai resultar nesta divisão decorrente do conflito de forças psíquicas contrárias, em oposição. Lacan vai trabalhar com a ideia de Fading do sujeito. Um espaço criado pelo apagamento do significante da cadeia Simbólica e que instaura o sujeito no Real. Neste Fading, nesta caída, está fadado a se representar entre dois significantes. No entanto, no que parece ser a perda da possibilidade de se representar pela unicidade, o sujeito é o que advém neste espaço de potência da não representação: o que desde o Real não cessa de não se inscrever.

Coube a Lacan, portanto, retomando o texto e a pista freudiana, a “parição” deste sujeito que aí se enuncia. No escrito de 1966, dois anos depois de ministrar seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais, intitulado *Do sujeito enfim em questão*, Lacan claramente implica a psicanálise e os psicanalistas na questão do sujeito por, a partir do anúncio de Freud, algo de um resto nos advir como significativo e invariavelmente ocorrente.

Cito:

Queremos falar do sujeito colocado em questão por esse discurso, pois ao reinstaurá-lo aqui, pelo ponto em que de nossa parte não faltamos para com ele, é apenas fazer justiça ao ponto em que ele nos concedia um encontro marcado (Lacan, 1998d, p.229).

Há uma distinção fundamental entre Freud e Lacan condizente à questão do sujeito feita por Eidelsztein (2012b). O autor posiciona o conceito de sujeito em um lugar propício a uma diferenciação entre as estruturas clínicas da neurose e da psicose que é a ideia de que, em Freud, não fazia falta falar de um “sujeito do inconsciente”, pois a noção de intra-psíquico delimitava o que era da ordem do inconsciente, que emergia ou era desvelado por uma interpretação do analista. Freud o anuncia, mas não se preocupa em elaborá-lo. Para Lacan, no entanto, esse conceito se faz necessário quando alia o inconsciente ao discurso, diferenciando o sujeito da enunciação do sujeito do enunciado que aparecem de forma simultânea no dizer. Estar no discurso seria assumir essa simultaneidade. De alguma forma, conjugar a linguagem com a fala. Estando, segundo Lacan, “o (sujeito) psicótico fora do discurso” justamente por não estar aliando à linguagem a função da fala.

Notamos, portanto, a distinção entre o psicanalista austríaco, cujo “sujeito” era propriamente o sujeito cartesiano da razão, e o francês, com sua proposta de sujeito dividido, ao revés do *cogito*.

4.2 PALAVRAS E COISAS

Mas por que então, em Freud, não fazia falta falar sobre um sujeito? Ou mesmo sobre um efeito de sujeito. Uma interrogação que se estende na sequência desta se posicionaria através da via da ocorrência do recalque, mecanismo máximo da estrutura freudiana. Dessa forma, dado a ocorrência – neurose - ou não – psicose - do recalque, que sujeito seria possível?

Seguindo Eidelsztein (2012b), admitindo que na noção freudiana de intra-psíquico não haveria necessidade de outro termo que diferenciasse as dimensões inconsciente e consciente, logo o conteúdo do inconsciente já se bastaria como operativo para posicionar o sujeito falante na posição de verdade. O que muitas vezes provinha de uma intervenção interpretativa do analista: um conteúdo revelado ao sujeito.

Neste sentido, o efeito de sujeito, admitindo uma possível noção freudiana do termo, seria uma inferência interpretativa. A escuta pelo analista daquilo que não é dito, ou está entre o dizer, mas que é sustentado pelo que é revelado do inconsciente. Algum conteúdo detrás da ação, mas não por trás da palavra. Pode-se dizer que, para Freud, a fala e o discurso são tomados por igual. É dizer, que o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação são uma e a mesma coisa. Ou, além disso, que o Eu e o sujeito da enunciação se conjugam diretamente.

Por esta via, já admitimos anteriormente que a motivação inconsciente pode dar lugar, como vicissitude da pulsão, a um efeito de sujeito. Uma motivação outra, que não a dita. E é o que vemos em uma série de casos trabalhados por Freud através da histeria. Mas isto, claramente, analisado através da ótica da ocorrência do recalque.

Na psicose, visto a não ocorrência do recalque, de fato apresenta-se uma dificuldade na aproximação desta estrutura com o efeito de sujeito. No entanto, nem por isso o presidente Schreber é impossibilitado de construir para si uma nova realidade delirante que possibilitasse sua reinserção social e a diminuição de seus sintomas. Freud fez o testemunho desta melhora, mesmo sem ter tido contato com Schreber, admitindo que a posta em ato da palavra escrita pôde reestabelecer seu mundo externo que, no momento da crise, havia se despedaçado. Freud percebe que a palavra de um sujeito tem incidência na própria construção da realidade do mesmo e se vale dela para a revelação do inconsciente na neurose e para a elaboração do delírio e reconstrução da realidade do sujeito na psicose. No entanto, Freud faz um apontamento importante quanto ao uso e funcionamento da palavra, diferente nas duas estruturas.

É o que se pode ler no capítulo 7 de *O inconsciente* (1996l/1915). Nesse texto, trabalhando os exemplos de Victor Tausk, Freud faz nova diferenciação entre a neurose e a psicose através da forma assumida pela representação das palavras e das coisas, ou objetos, fazendo-se ler, primeiramente, a forma como os sintomas se mostram através de “modificações na fala” (p. 202). Posteriormente, elabora a diferenciação entre a representação palavra (*Wortvorstellung*) e a representação coisa (*Sachvorstellung*) construindo a ideia de que no nível da consciência atuaria a soma da representação palavra com a representação coisa, ao passo que no inconsciente, apenas a representação coisa teria ocorrência, estando então a representação palavra restrita à consciência.

Neste sentido, entende-se a elaboração de que na psicose a palavra tem o peso da coisa, pois não há barreira do recalque que separe as representações. De alguma forma, se faz a leitura de que a representação palavra, que não perde seu acesso à coisa, restando a possibilidade real do encontro. Ao mesmo tempo em que “o pensamento do esquizofrênico trata as coisas concretas como se fossem abstratas” (p. 208), não se diferenciam, pois:

A representação da palavra não faz parte do ato de repressão, mas apresenta a primeira das tentativas de recuperação ou de cura que tão manifestadamente dominam o quadro clínico da esquizofrenia. Estas tentativas são dirigidas para a recuperação do objeto perdido, e pode ser que, para alcançar este propósito, enveredem por um caminho que conduz ao objeto através de sua parte verbal, vendo-se então obrigadas a se contentar com palavras em vez de coisas. (Freud, 1996l, p. 208)

Em vista à elaboração freudiana de que através da representação palavra faz-se a travessia do inconsciente para a consciência, admite-se, com a palavra, a possibilidade de que o sujeito psicótico, ao assumi-la, mesmo com um funcionamento particular, possa fazer uso de seus efeitos.

No entanto, Freud se restringe a esta distinção entre a representação palavra e a representação coisa. Coube a Lacan, com acesso à linguística estrutural, seguir esta elaboração e dar margem para se falar sobre o sujeito.

4.3 A FALA E O SUJEITO

Desde Lacan, sabemos que a única possibilidade de aceder a uma verdade sobre o sujeito seria através das construções de sua fala. É dizer, que o sujeito seria fruto de sua relação entre significantes, onde se representaria entre um e outro, advindo de formações vacilantes da fala. No entanto, de que sujeito fala Lacan ao abordá-lo também na estrutura das psicoses? Está Lacan diferenciando a que sujeito está se reportando? São questionamentos angulares, pois sabemos que estes são cruciais na evolução da prática clínica com tais pacientes em busca da estabilização de seus sintomas.

Na língua francesa encontramos uma variação muito particular na palavra *sujet*, que além de ser usada para a caracterização de seu sujeito do inconsciente, também diz respeito ao conteúdo ou tema daquilo de que se fala, “o sujeito de minha fala”, aquilo de que se trata. Lacan faz uma menção interessante a esta diferença em “*Subversão do sujeito e dialética do desejo*” (1998f). Penso que podemos partir desta particularidade para justificar o trabalho com o conceito de sujeito na estrutura das psicoses.

Lacan diz:

para reavivar a metáfora de Damourette e Pichon sobre o eu gramatical, aplicando-a a um sujeito (*sujet*) a que ela se destina melhor, que a fantasia é propriamente o “*etoffée*” daquele [Eu] que é propriamente recalcado, por só ser indicável no fading da enunciação (Lacan, 1998f, p. 831).

A metáfora de Damourette e Pichon referida por Lacan está em *Grammaire et Inconscient* (1938) e diferencia duas posições relativas ao Eu na estrutura gramatical que referencia o ser falante em uma língua. É dizer que na língua francesa, junto ao verbo, há duas posições dos pronomes pessoais. Os pronomes átonos que se aglutinam ao verbo e referenciam a pessoa, *je, tu, il/elle*, e os pronomes independentes do verbo, *moi, toi, lui/elle*. A diferença entre estes dois tipos de pronomes seria uma significação psicológica e é isso o que Pichon e Damourette pretendem apresentar.

Os pronomes aglutináveis exprimem a pessoa *tenue*, que é reduzida a seu papel estrito de pessoa gramatical. Ela é a entidade que produz a fala, e se refere diretamente a uma segunda ou terceira pessoa, ou mesmo à primeira pessoa. Já os pronomes posicionados de forma independente exprimem a pessoa *etoffée*, que pelo contrário exprime a noção de uma personalidade concreta completa, munida de caracteres essenciais e acessórios. Por ser

independente do verbo, possibilita uma significação além da estritamente gramatical, sendo uma complementaridade dependente da enunciação, isto é, da fala, do contexto, de quem está falando, portanto além do enunciado. A pessoa *etoffée* carrega a dimensão de um além da representação gramatical.

Para tomá-lo então como objeto de estudo, esta dimensão *etoffée* da pessoa, que é como situamos a pesquisa lacaniana sobre o *sujet*, princípio do sujeito lacaniano, propõe-se justamente que comecemos com esta vacilação, esta ambiguidade na língua de Lacan que aqui, além de seu caráter enigmático confundir frequentemente sua tradução, alia-se ao que se propõe esta pesquisa: no francês as diferentes possibilidades de significado da palavra *sujet*. Tanto usado por Lacan para designar o sujeito que propõe em seu estudo, sujeito barrado, do inconsciente, como também usado indicando uma noção outra, a que tomaremos como condição para pensar o sujeito na psicose, que é “daquilo a que se trata”: *sujet* como “a respeito de que”, como *objeto* de um acontecimento e que na tradução para o português do dicionário D’OlimMarote (2004) está também referido como “4. Assunto, tema, *objeto*. 5. Motivo, razão”. Ou seja, com a condição de que sujeito, para Lacan, seu *sujet* ser também, aquele que vai além do significante vacilante que representa o sujeito à outro significante. Referenciado pela dimensão *etoffée* abre-se o espaço da significação do sujeito falante, para além do sujeito *tenue*, e com isso a possibilidade da inscrição do sujeito em relação à escuta, de outros, do que se diz.

Este sujeito *etoffée*, além de ser o sujeito que contempla enunciado e enunciação, também é aquele possível de se falar sobre. Aquele de quem se fala, é falado, é representado em outra instância, “desde o fora”, mas que também se faz sujeito em reconhecimento àquilo que diz de seu universo simbólico, desde si mesmo. E aqui abre-se a possibilidade de pensarmos o sujeito que se produz *etoffée* como aquele que fala e se dirige a outra pessoa, ao analista. É dizer, aquele sujeito que estabelece o laço transferencial. Já o sujeito *tenue*, pode-se dizer, ainda está sozinho, não articula-se com o outro, não é tocado (ainda) pela transferência.

O que temos então é o que se aproximaria de uma dualidade, *tenue-etoffée*, sujeito-objeto. Como duas posições opostas de inscrição do sujeito cabíveis no termo inicial *sujet*.

Notamos com esta aproximação necessária entre os termos sujeito e objeto uma questão que é de propriedade psicanalítica. É dizer, que toda noção da oposição sujeito-objeto, ou daquilo que não é sujeito ou não é objeto, é uma herança do campo da filosofia, que se dedica ao estudo das relações entre ambos e, além disso, supõe o enrijecimento das mesmas. Pois bem, esta dialética sujeito-objeto, enquanto herança filosófica, ganha valor

significativo na pergunta sobre o sujeito, e, tanto mais, no sujeito psicótico, aquele que se diz “ser o objeto do Outro”.

Quando Lacan introduz a banda de Moebius como a figura que mostra o *sujet*, implica-nos nesta diferenciação com o campo filosófico. Como sabemos, a figura da banda de Moebius através de um corte e uma semi-torsão em uma banda euclidiana passa a apresentar apenas um lado, sem a divisão dentro-fora. No entanto, esta indiferenciação é descoberta apenas ao se percorrer todo o percurso da banda. Ou seja, é apenas no percurso contínuo da banda que ela ganha sua dimensão de superfície aberta. Em pontos isolados do percurso, ela segue apresentando uma aparente bipolaridade.

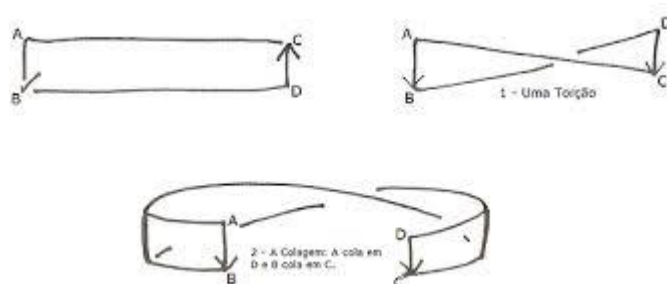


Figura 3

Esta atenuação da aparente disparidade entre o dentro e o fora como dois lados contrários de uma mesma face, de um mesmo lado, contradiz, através da psicanálise, a noção filosófica de dialética, onde uma coisa não é e nem pode ser outra coisa. É dizer, que a banda de Moebius revela uma possibilidade de entendimento do psiquismo para além do ser ou não ser, e esta é propriamente a ideia inicial do significante linguístico: poder assumir vários significados, vários valores, através do mesmo significante.

Esta aproximação também vale para a dialética sujeito-objeto. O que aparentemente assume uma posição oposta uma da outra, ser sujeito ou ser objeto, pode ser visto como duas representações da mesma face, ou seja, estão do mesmo lado, sem disparidade.

Tomamos a ideia de que, ao percorrermos a linha média da banda, ora se ocupa a posição de sujeito ora de objeto, sem necessariamente haver uma contradição absoluta e sim uma referência significativa. Este é o *sujet* de Lacan, que não está em oposição ao objeto: o que é objeto é o que ainda não é sujeito, mas desde o percurso da banda através da fala e do significante pode vir a ser. A forma como se percorre esta linha média, já sabemos: é através da fala. A fala é operativa do percurso pela banda de Moebius, através dos significantes e das cadeias associativas em uma análise. Portanto, como saber se há posição de sujeito ou objeto

sem a associação de significantes? Há *sujet* sem que se haja uma leitura de seu discurso, que se mostre e se ocupe dos percalços de sua fala, sem que se deixe levar pelo inconsciente? Ou há posição de objeto que não referido a uma posição também discursiva, sem ser lido?

A banda de Moebius ao invés de definir o *sujet* vai, através de seu percurso, mostrá-lo, em alternância à dualidade sujeito-objeto. No entanto, se fizermos um corte pela linha média produzimos o desaparecimento da banda.

Tomamos o ato de dizer, a fala, como sendo da mesma ordem: o significante divide o sujeito em dois, ele o representa e faz com que desapareça. Tal corte é o que produz a instância máxima do sujeito, o que desaparece justamente ao se representar, ao encontrar uma significação para o sujeito. É dizer, o sujeito é a dimensão que escapa à representação justamente quando se representa, admitindo a comparação aforismática com o Real, como o que não cessa de não se inscrever. Sujeito e Real guardam uma particularidade importante em sua relação.

Este é o efeito do que Lacan trabalha no seminário sobre A Identificação (1961-1962): o corte produzido sobre o Real, equivalente à entrada do significante no Real. Neste sentido, o Real, o que não cessa de não se inscrever, é tocado pela entrada do significante, a entrada da diferença. Um significante produz a diferença, pois o significante é sempre diferente de si mesmo, bastando percorrer o trajeto de Moebius para que essa diferença, os dois lados da fita, apareçam, como partes do mesmo lado.

A entrada deste significante no Real é a descoberta de que o Outro mente (*Autrement*), é a incorporação do equívoco do significante no registro do Real, para além da incompletude simbólica. Desta forma, no Real também há referência a um impossível de se representar, assim como o sujeito. Portanto, seria possível pensar em um efeito do *sujet* no Real?

4.4 FALA E PSICOSE.

A interpretação que Philippe Julien nos fornece a respeito da fala é interessante, pois articula o efeito do significante com a estrutura. Comenta que “na estrutura da loucura o sujeito está na linguagem, mas não fala, está *sem fala* se entendermos por aí a tentativa de fazer-se reconhecer por e em sua própria língua” (Julien, 2002, p. 29). Notamos que o conceito de “loucura” a que se refere o autor é um termo proveniente da filosofia Hegeliana, com o qual Lacan trabalhava no início de seu ensino, aproximando o tema da loucura de Hegel às conceituações acerca da psicose.

Diferentemente do que hoje se entende por “loucura” em psicanálise, como entidade clínica em separado das estruturas freudianas convencionais (Eidelsztein, 2012a), a loucura como conceito Hegeliano é entendida no registro imaginário, do não reconhecimento do sujeito no espelho. Tomando a filosofia como um aliado metodológico, é dizer, a metafísica, Lacan supõe um sujeito capaz de se perguntar sobre si mesmo e de se reconhecer em suas produções subjetivas. Na loucura não haveria esta fala que o sujeito sustente como produção própria, estaria restrito somente ao “coletivo” da linguagem, às regras de linguagem comum aos homens, a dimensão “*tenue*” do sujeito gramatical.

Estar “sem fala”, como propõe Julien, é não ter a capacidade de ser surpreendido pelo equívoco do significante, não estar dotado de um saber no registro do inconsciente e não se deixar levar pelo inconsciente, na dimensão *etoffé* do sujeito gramatical. Condição esta que é dada pela falta de um significante que represente propriamente o sujeito. Portanto, um significante perdido.

Como exemplo, há um relato muito interessante de Louis Wolfson, sujeito precocemente diagnosticado com esquizofrenia, em seu livro intitulado *Le schizo et les langues*, onde o autor expõe seu método de tradução automática de frases de seu idioma materno, o inglês, para um idioma estrangeiro, cujas palavras tenham o mesmo som e o mesmo sentido que a original, como forma para estabelecer uma comunicação possível, já que ele refuta fortemente a língua inglesa. Em uma mistura de francês, alemão, hebreu e russo, o sujeito tenta expressar corretamente seus sentimentos em uma língua fundamental própria, em razão de sua indisponibilidade para com o idioma original, na tentativa de elaborar a construção de uma língua possível, mesmo que se valendo apenas da substituição termo a termo.

Ao não se reconhecer desde a fala na linguagem, subverte a própria língua para, desde aí, se fazer reconhecer pelo Outro. Já que em sua língua materna não houve possibilidade para

isso. No entanto, ao não ser reconhecido no discurso, na sua fala, no seu dito, o sujeito precisou subverter a língua, o que constitui a loucura, pois aí confunde a língua com o Outro materno, imaginário. Ou seja, ao invés de se produzir um furo no Outro, uma falta, se produz uma defesa linguística contra o Outro totalizante.

Luciano Elia (2010) elaborando o conceito de sujeito para a psicanálise afirma que:

só a fala permite que o sujeito, que emergirá nos tropeços das intenções conscientes daquele que fala, possa, além de emergir nos tropeços, ser reconhecido como tal pelo falante, que, a partir desse reconhecimento, não será mais o mesmo porquanto terá sido levado a admitir como sua uma produção que desconhecia, mas que, ainda assim, faz parte dele (p. 23).

No entanto, mesmo desprovido da qualidade da *fala*, desprovido de um mais além da palavra, da articulação do significante que representa o sujeito para outro significante, o sujeito psicótico também elabora construções que são próprias, mesmo na via da restituição delirante e que, além disso, são passíveis de representação externa, desde o fora que o constitui.

Mesmo o sujeito psicótico, quando assumido como o sujeito do qual “se fala sobre”, diferente da condição de “ser falado” pelo grande Outro enquanto objeto de “Seu” gozo, mas que recebe no anteparo desse Outro sua condição de sujeito, também pode ser considerado, então, um *sujet* passível de significação.

Referindo Lacan, Calligaris (1989) comenta que a função paterna, o Nome-do-Pai foracluído, atuaria no Real e não a nível Simbólico, numa tentativa de fazer filiação e sua relativa significação. Isto dito enquanto trabalha a manifestação delirante como tentativa de construção da metáfora não inscrita no Simbólico: foracluída do Simbólico, no Real.

Diferente do sujeito neurótico, esta significação do sujeito psicótico não se daria na organização ao redor de uma significação central que distribui todas as significações - imerso na lógica do significante, segundo o aforismo lacaniano, de representar um sujeito a outro significante. Um sujeito que seria representado não por S_1 , mas sim um sujeito que se encontra desde S_2 , desde o campo do Outro, e por intermédio deste, “tesouro dos significantes”.

É o caso de admitir, como constituinte da posição de sujeito, a posição *etoffée* como uma razão por detrás da fala. No entanto, esta fala deve ser lida, como uma escritura deve ser entendida. Não é por não poder ir mais além da posição *tenue* que não haveria possibilidade de inscrição de um sujeito. Sem a leitura e o não se deixar levar, a posição *etoffée* não teria

efeito de sujeito: os chistes ou atos falhos não trariam uma verdade ao sujeito. Desta forma, o sujeito pode ser lido como um apontamento do Outro, o reconhecimento em transferência do sujeito falante, independente de haver um mais além da palavra.

A título de exemplificação, antecipando a parte final desta dissertação, quantos são os casos de supostas neuroses de transferência que não apostam ou rejeitam as “formações do inconsciente” e quantas são as supostas psicoses que não aceitam a posição de objeto do outro?

5. O GRADO DO DESEJO

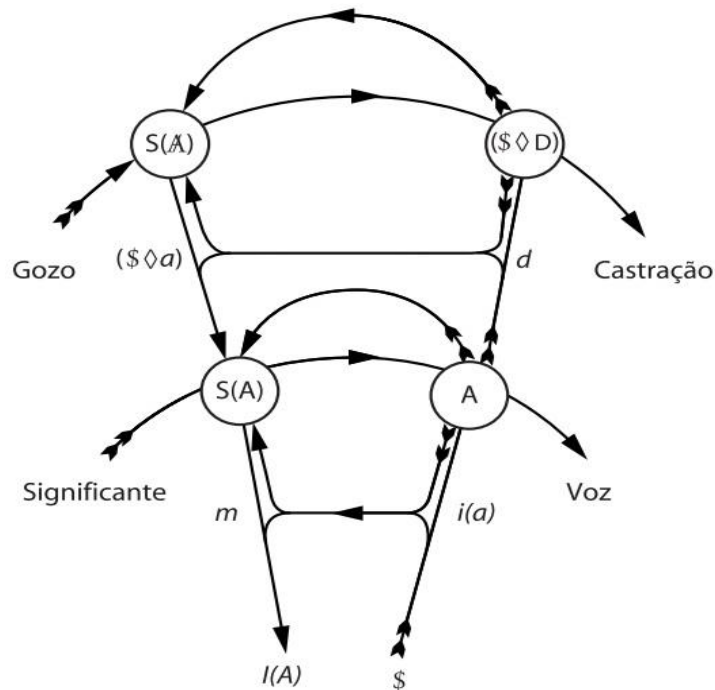
5.1 O SUJEITO NO GRAFO DO DESEJO

Sabemos que o sujeito para a psicanálise difere da concepção de sujeito para outras áreas do conhecimento científico, representados pelo caráter único de seu nascimento biológico. Para a psicanálise, o sujeito nasce desde sua localização no campo da falta no Outro. Se não há um Outro que demande ao sujeito ser um sujeito, ele não se constitui. Não é convocado a existir. É dizer, então, que a existência desse sujeito passa pela via da linguagem, da letra que inscreve a demanda do Outro e da resposta que o sujeito, de seu lado, vai dando a essa demanda.

Dessa forma, o sujeito se vincula passo-a-passo à demanda do outro e a sua resposta, por intermédio da linguagem, nos mecanismos de um sistema simbólico. Seria uma forma de fazer um corte com a relação unilateral entre demanda do Outro e resposta do sujeito, revelando uma cisão nessa relação dual. Quem faz esse corte é a própria linguagem.

Zuberman (2006) refere que cada um dos três sujeitos no grafo do desejo de Lacan está barrado por algo diferente. O sujeito da demanda na fórmula da pulsão ($\$ \langle \rangle D$) estaria barrado, alienado à demanda do Outro, pois uma vez que a demanda do Outro se inscreve do lado do sujeito, este não tem registro Simbólico para organizar esta resposta. Seria um sujeito pré-subjetivo, acéfalo do “não pensar” da pulsão, mas separado da mãe. Este seria um sujeito do lado do imaginário.

O sujeito do fantasma ($\$ \langle \rangle a$), sujeito da subjetividade, comandado pela economia então do gozo de um objeto contornado pelo saber significante, aí congelado na letra, é um sujeito que pode interrogar a demanda, e que se constitui como sujeito do desejo. É barrado pelo significante, pelo inconsciente, pelo desejo. Este sim seria o sujeito do significante, do lado do registro Simbólico.



Via de confluência: d para $\diamond a$

Figura 4

No grafo do desejo, entre a fórmula da pulsão e a fórmula do fantasma há uma constatação, a inscrição do significante da falta no Outro $S(A$ barrado), da castração do Outro. Ou seja, é propriamente a partir da castração do Outro que o fantasma vai “organizar” a pulsão em um objeto que seja tanto resto como causa do desejo. Neste caminho, onde se pode pensar a localização do sujeito psicótico no grafo do desejo de Lacan?

Percorrendo a composição do grafo por Lacan, podemos entender, com a falha da entrada do significante Nome-do-Pai, um curto circuito no funcionamento do grafo. Podemos pensar que se a pergunta sobre o ser, sobre o que se passa com o sujeito, “*che vuoi?*”, não tem entrada, o sujeito fica circunscrito ao primeiro andar do grafo, a uma relação direta entre a mensagem recebida pelo sujeito e o Outro. Sem passar pelo segundo andar do grafo, onde se daria a constatação da falta no Outro, o sujeito não enlaça o Outro através do fantasma, da fantasia, mas através da mensagem inconsciente em ato, a céu aberto, como na psicose.

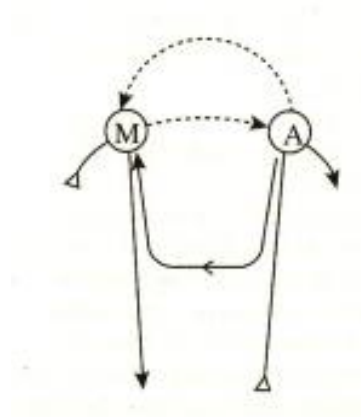


Figura 5

Seguindo Zuberman (2009) há um terceiro sujeito, o sujeito do Real, que Lacan refere como *Infans*, e que está no grafo como um sujeito pré-subjetivo, dividido somente depois de que o grafo complete uma volta. É dizer, depois que o sujeito do desejo comprova a falta do Outro, marcado com o significante no Real. No entanto, o ponto de partida do grafo ainda é um sujeito primordial, não tocado pela insígnia do significante que organiza a demanda do Outro. Este sujeito, no Real, pode ser entendido como a dimensão do sujeito que escapa a qualquer significação. Como vemos, ele já está presente no grafo do desejo de Lacan.

Analisando o grafo do desejo de Lacan, com a ajuda de Eidelsztein (2012b), entendemos que a entrada da mensagem inconsciente se dá de duas maneiras distintas e se orientam através de duas voltas na constituição do sujeito que recebe a mensagem. É uma dupla volta, um 8 (oito) interior de onde se extrai o sujeito. Ao contrário do que comumente se entende como apenas uma volta, onde o sujeito interpreta a mensagem do Outro, inconsciente.

Eidelsztein refere o aforismo de que o significante que representa o sujeito a outro significante contém uma questão diferencial, que é a função do próprio significante. Não havendo significante único que represente o sujeito, expõe a questão através de pares de significantes. Ou seja, que um sujeito é representado na relação entre um par de significantes S_1 e S_2 com outro par de significantes S_1 e S_2 . Desta forma, leva em consideração a proposta mais clara de Lacan em relação ao inconsciente na produção do sujeito. Desta forma, Eidelsztein revê o que em geral se entendeu como o que Lacan afirmava sobre o inconsciente, “que se abria, jogava algo para fora, e logo se fechava” (2012b, p. 81). Esta ideia daria conta de um sujeito do inconsciente que existiria enquanto representação, mesmo que perdida. No

entanto, a interpretação dada por este autor é de este esquema de pares significantes permitem visualizar a proposta de Lacan do inconsciente de que quando este se fecha, quando se encontra em suas articulações uma representação para o sujeito, é que ele se abre, que pode ser lido. Se não, ele simplesmente “seria”, não precisaria ser lido, estaria já dado, bastando encontrá-lo. Esta é a condição máxima do sujeito que se representa entre pares de significantes. É a função que permite ao sujeito nunca ser encontrado.

Esta leitura pode ser feita desde o grafo do desejo, sendo cada andar do grafo uma relação entre dois significantes. São duas entradas, dois pares de significantes no grafo, onde se instauram a demanda, a castração do Outro, o fantasma como resposta do sujeito à castração do Outro e o Ideal especular. Na torção do oito interior que, topologicamente, é a mostraçãõ do sujeito do inconsciente.

5.2 A CASTRAÇÃO DO OUTRO (A BARRADO) E O SUJEITO

Guy Le Gaufey, no livro *C'est à quel sujet?* (2010), traduzido para o espanhol como *El Sujeto Según Lacan*, trabalha o sujeito tomado nos “desfiladeiros da demanda”. Propõe, junto a Lacan, que desde que o Outro aparece como podendo dar uma resposta à demanda do sujeito ou não, o feito de que a resposta toma valor de prova de amor e se desdobra em satisfação fazendo com que o sujeito queira encontrar no Outro o significante que o representaria como sujeito e viria assim a dar prova da boa vontade do Outro em respeito a ele. Provar que este sujeito é, efetivamente, o destino do amor manifesto pelas respostas a suas demandas.

Lacan, na classe de 20 de Maio de 1959 de seu Seminário, O Desejo e sua Interpretação, propõe a ideia de uma “tragédia comum” que vai impactar tanto ao sujeito quanto ao Outro. Diz que este último se encontra impossibilitado de brindar-lhe com um significante semelhante, pois está desprovido dele, não o tem a sua disposição por sua condição, mesma, de sujeito. Elabora que:

É enquanto que o Outro é um sujeito como tal que o sujeito, nesse momento, se instaura e pode constituir-se ele mesmo como um sujeito, que se estabelece nesse momento essa nova relação ao Outro pelo qual tem que fazer-se reconhecer, neste Outro, como sujeito. Já não mais como demanda nem como amor se não como sujeito (Lacan, 1959. p. 265)¹⁶.

Esta seria então, a gênese da incompletude do Outro, o fato de o Outro também ser um sujeito, à qual o sujeito inicial tenta, posteriormente, com seu fantasma envolvendo o objeto, suturar, tamponar, oferecendo-se como objeto da falta desse Outro, esperando ser reconhecido como sujeito, subtraindo-o do deslizamento perpétuo da significação. Esse sujeito tropeça assim nesse ponto dramático de ordem significante. Ao Outro, definido como “tesouro dos significantes” (A), Lacan se apura em fazer-lhe entornar ao conceito chave de castração.

O sujeito da psicanálise nasce, portanto, na impossibilidade de ser o Outro. Nasce quando se delimita, barra-se na castração do Outro que foi provedor de sua demanda de amor. Adquire então valor simbólico, o que vai fazer dele algo mais do que um organismo vivo. Seu corpo ganha contornos, zonas erógenas. Neste sentido, toda sua estruturação psíquica passa a

¹⁶ Tradução livre de « C'est pour autant que l'Autre est un sujet comme tel que le sujet, à ce moment, s'instaure et peut s'instituer lui-même comme sujet, que s'établit à ce moment ce nouveau rapport à l'Autre par quoi il a, dans cet Autre, à se faire reconnaître comme sujet, non plus comme demande, non plus comme amour, mais comme sujet ». Em <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf> (p. 265).

se constituir como uma defesa do sujeito para evitar perder-se como objeto do gozo do Outro, implicando a introdução de uma metáfora que faça prevalecer a significação do sujeito como tal. De acordo com Lacan, referido por Calligaris (1989), na estrutura neurótica a aposta do sujeito é de que haja “ao menos um” que saiba lidar com a demanda do Outro, o que vai constituir o saber com um sujeito suposto, estando o sujeito sempre nessa relação com o ao menos um que sabe onde obtém uma significação. Seu universo está orientado desde um pólo central, um núcleo ao qual se medem todas as significações.

Na estrutura psicótica a castração do Outro é rejeitada, foracluída. A metáfora paterna não se inscreve no registro Simbólico, não adquire uma significação central, e na medida em que isso se perde não há filiação, não supõe que “ao menos um” saiba como lidar com a demanda do Outro. Então, cabe ao sujeito mesmo tecer e sustentar a rede do saber para lidar com a demanda do Outro, que vai organizar sua estrutura psíquica. Mas desprovido de uma significação central, está fadado ao deslizamento incessante, metonímico, do significante. No entanto, aí se configura o que apostamos: também passível de significação desde outros registros.

Diante da falha no nível da cadeia simbólica, o sujeito se encontra tomado por um mecanismo próprio da psicose: frente às deficiências radicais da ordem simbólica não resta mais recurso que o Imaginário. É dizer, frente a essa não representação do sujeito, ocorre um retorno ao narcisismo do espelho, onde a imagem constitutiva do Eu faria frente ao desfalecimento do Simbólico. Aposta na imagem (de seu corpo), que se sustenta no discurso que vem do Outro, como representação do sujeito. Tomado como referência ao Outro, diz-se que o eu (*moi*) tem uma estrutura paranoica. Alienado, “o sujeito nega a si mesmo e encarrega o outro”, se desconhece. É o que Melman (1991) chama de “constante paranoica”, referindo a sentença de Lacan “o Eu é o Outro”; radicalmente uma instância paranoica.

Lacan (2010, p. 114) diz que “o eu é desde já por si mesmo um outro que ele se instaura em uma dualidade interna ao sujeito. O eu é esse mestre que o sujeito encontra num outro, e que se instaura em sua função de domínio no cerne dele mesmo”. Freud (1911) caracterizou o narcisismo como:

Um estágio do desenvolvimento da libido entre o auto-erotismo e o amor objetal (...) que acontece quando chega uma ocasião no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (até então envolvidos em atividades auto-eróticas) a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa a tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo como objeto (Freud, 1996i, p. 68).

Lacan, leitor de Freud, constrói que esse período do narcisismo é também um júbilo com a imagem de si que é proveniente do Outro e que esta, em verdade, é um oferecimento a esse Outro, como valor imaginário a que se reduz por seu próprio movimento. Lacan, na classe de 18 de janeiro de 1956 nos diz bem que “esta imagem é funcionalmente essencial no homem enquanto brinda o complemento ortopédico da insuficiência nativa, do desconcerto, ou desacordo constitutivo, vinculados a prematuração do nascimento (Lacan, 2010, p.116)” e confirma; “consideramos a relação do narcisismo como a relação imaginária central para a relação inter-humana” (Lacan, 2010, p. 113).

Consideramos então que a impossibilidade do significante é compensada pela relação imaginária, especular, que supre a falta causada pelo significante. O Eu faz versão de sujeito e sustenta a estrutura nas bordas de uma falha constitutiva. Na neurose essa construção imaginária, constituindo a fantasia, pode se sustentar sem necessariamente que o espelho se quebre. Na psicose é diferente, as muletas imaginárias se tornam insuficientes e o significante reivindica, recoloca suas exigências: o que está em falta intervém e interroga o sujeito. O Nome-do-Pai, não inscrito na cadeia do significante, foracluído do Simbólico, retorna desde o Real, exterior ao sujeito. Então, por não encontrar em si uma forma de possibilitar mais um deslocamento do significante, ele mostra sua falta na mais severa manifestação da incompletude, na experiência do psicótico de fim de mundo. A realidade mesma se desintegra. A ordem dos significantes se desfaz e não significam mais nada. É a ideia que Lacan retoma de Freud quando, em 1911, trabalhando o texto do presidente Schreber, diz que vemos que o que foi abolido no interior retorna do exterior, ou o que foi foracluído do Simbólico retorna no Real. Não há substituição do significante perdido, há a falta radical do significante S_1 no Simbólico, foracluída no Real.

Este desencontro do sujeito com sua realidade psíquica, próprio da psicose, nestas experiências de fim de mundo, de crise ou surto, mostram-nos que entre o sujeito da psicose e o significante qualifica-se uma relação muito própria com a linguagem. Os significados se perdem, o corpo se desconfigura e uma reestruturação tão complexa como vista nos fenômenos psicóticos advém na tentativa de reorganizar o mundo que se desconstrói. O espelho que se quebra, o corpo que se despedaça. Aí também advém um *Sujet* que reconfigura o mundo desde seu próprio material psíquico, desde a sua condição subjetiva, que deve ter no Outro um corroborante de sua “nova” estruturação, reconfigurando o Eu, onde investe toda sua energia.

Não por menos, diz-se desse Eu o “Eu da megalomanía”, e essa não é justamente a confirmação de que a tentativa de reconstrução do mundo provém de um *Sujet* que aí se

presentifica? Lacan (2010, p. 118) vai dizer, sobre o mecanismo da paranóia de Schreber, que “a ordem simbólica subsiste enquanto tal fora do sujeito, diferente a sua existência e determinando-o”, mas mesmo desde o fora, essa ordem simbólica, sem o aporte metafórico do sujeito, pode advir a uma significação que o organize, desde a premissa da linguagem que elabora. Estando a ordem simbólica “fora do sujeito”, ou seja, não havendo um significante que represente o sujeito na cadeia significante, ele poderia, ainda assim, se fazer representar imaginariamente.

Retomando a função de “secretário do alienado”, localizando a posição transferencial que Lacan indica aos psicanalistas, é justamente neste contexto de escuta dessa “megalomania” que o psicanalista pode ser testemunha de uma melhora na condição do paciente em crise. Mesmo sem projetar uma melhora antecipada ao sujeito, mas atuando no lugar deste Outro que garante um lugar momentâneo para seu delírio.

Pergunto-me se este lugar indicado por Lacan não é o lugar da falta. Secretário, sendo aquele que presta auxílio, confirma, sugere e, de fato, atua no Real, garantindo um lugar de sujeito ao alienado. Lacan nos indica algo a respeito:

Vamos aparentemente nos contentar em passar por secretários do alienado. Empregam habitualmente essa expressão (*alienado*¹⁷) para censurar a impotência dos seus alienistas. Pois bem, não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta – o que até aqui foi considerado como coisa a ser evitada. Não é por ter estado longe o bastante na sua escuta do alienado que os grandes observadores que fizeram as primeiras classificações tornaram sem vigor o material que lhes era oferecido? – a tal ponto que lhes pareceu problemático e fragmentário (Lacan, 2010, p. 241-242).

“Censurar a impotência dos alienistas” é onde Lacan se detém para sustentar sua posição de secretário, na contramão do que “os grandes observadores” faziam com os pacientes psicóticos. De certa forma, Lacan refere na prática de até então um apagamento da falta, a posição de todo saber frente ao paciente psicótico.

Justamente, Lacan retira de Jean-Pierre Falret o uso desta expressão “secretário do alienado” que neste ganhava tom de censura. É o que nos contam Costa e Freire (2010): “no campo psiquiátrico, esta expressão destinava-se a interditar àqueles que se ocupam - por meio da palavra - de seus pacientes, o que implica que a postura de secretário do alienado torna-se, nestes casos, sinônimo de impotência” em crítica a uma abordagem “passiva” da fala do paciente em relação a uma abordagem “ativa” do psiquiatra sobre o mesmo.

¹⁷ Grifo nosso.

Pela via contrária, Lacan vai propor que a falta esteja em questão no tratamento. A falta do Outro, do analista. Sendo ele, no tratamento, aquele quem porta a falta e atribui ao paciente sua posição de sujeito. No tratamento cabe ao analista administrar, como secretário, o lugar da falta, o lugar da castração (A Barrado).

Não seria este o diferencial máximo da psicanálise em relação às outras modalidades de tratamento do sofrimento psíquico? A psicanálise é a prática que dá valor a este sujeito, que se implica em lê-lo nas entrelinhas de seu dizer ou na escuta secretariada daquele cujos recursos simbólicos falham. No entanto, a leitura do sujeito está além das incapacidades simbólicas do ser falante e independem das questões diagnósticas descritivas ou estruturais. À psicanálise cabe dar conta deste sujeito, aliado à transferência. É o que vamos ver na sequência com um exemplo da prática clínica.

6. A QUESTÃO DO RETORNO: FANTASMA X DELÍRIO

Entendendo a castração do Outro como a significação impossível, o que forneceria ao sujeito sua própria representação de sujeito, e esta impossibilidade sendo aquilo que orienta o tipo de defesa do Eu em relação ao retorno do significante que insiste em se fazer representar, podemos fazer um paralelo entre o tipo de defesa encontrado em diferentes casos: o recalque do significante e a forclusão do significante. Este encontro é de interesse para esta pesquisa sobre o sujeito.

Referindo os dois axiomas básicos das estruturas clínicas: “o retorno do recalcado”, na tese freudiana, como o que é formador do sintoma neurótico, revelador do material inconsciente que enlaça o Outro através do fantasma, e “o retorno no Real do que foi foracluído do Simbólico”, como a reconstituição delirante de uma impossibilidade simbólica, em ambas encontramos o mecanismo do retorno: retorno ao sujeito de algo da ordem do inconsciente, da ordem do impossível, que retorna e interpela o sujeito.

Neste sentido, tratamos do mesmo mecanismo de exigência significante que aproxima o conceito de fantasma, mais comumente associado às neuroses, ao delírio, com relação às psicoses. O que retorna, seja na forma sintomática, seja na restituição delirante é o material do inconsciente, uma tentativa de reinserção do significante que representa o sujeito como questão à exigência pulsional do inconsciente.

A questão do retorno orienta a interpretação psicanalítica, na topologia da dialética sujeito-objeto, como na banda de Moebius. Quando a exigência de significação retorna ao sujeito se está em qual lado da banda? A exigência situa o sujeito do lado do objeto, ou do lado do próprio sujeito, a dar conta de sua não representação?

No entanto, a questão do retorno é ainda mais profunda, pois situa as duas respostas do ego, frente a este retorno, do mesmo lado. É dizer, que ambas são respostas de uma mesma necessidade de significação impossível, que é fundamental para o próprio entendimento do conceito de inconsciente. Seguindo a tese freudiana do inconsciente como condição da ocorrência do recalque, entendemos a não “ocorrência” do inconsciente na psicose. Talvez por isso, no retorno próprio a reconstituição delirante, Freud se valha da palavra “fora” no retorno da significação impossível, ainda sustentando a ideia de inconsciente como o “dentro”, condição mais íntima do ser. No entanto, com a elaboração lacaniana do Real, dos três registros enlaçados, e a ideia de inconsciente como superfície transitável, não poderíamos aproximar a questão do inconsciente às ocorrências da psicose?

Soler (2007) trabalha neste sentido em sua interpretação da tese de Lacan sobre Schreber, aproximando a ocorrência do delírio da metáfora da significação impossível. Esta autora, seguindo Lacan, entende o delírio como o que faz suplência à falta da metáfora paterna. É dizer que o delírio, assim como o fantasma na neurose, aparece para encobrir uma falta que se impõe ao sujeito, e este deve procurar inscrever aí um nome que lhe valha e do qual possa responder sobre.

Sujeito e delírio, portanto, relacionam-se muito proximamente. Guerra (2010) também nos orienta nesta direção quando elabora que “ao final de seu ensino, Lacan reinterpreta a função do delírio e verifica que, nele, o que conta é a escrita do sujeito, é a função de um referente em torno do qual o sujeito pode se inscrever para o Outro.” (Guerra, 2010, p. 60). Ou seja, há no delírio uma significação de sujeito que funciona como suplência na metáfora delirante.

Soler ainda trabalha com a tese do “Significante no Real”, aquele que se inscreve desde o Real e atua ali, foracluído do registro Simbólico. Neste sentido, retoma o significante “porca” trabalhado por Lacan no seminário sobre as psicoses. Este significante, que “aparece” de súbito na realidade da paciente e se impõe, na cadeia significante, mesmo provindo no Real de fora da cadeia, como algo a ser admitido. É uma realidade que se impõe ao sujeito e necessita ser posta em ato, que se faça algo com isso. É uma exigência do inconsciente a céu aberto.

A mesma autora afirma que “o delírio ocupa na psicose um lugar homólogo ao do trabalho da transferência na neurose, que é também um remanejamento do significante” (Soler, 2007, p. 201). Neste sentido podemos pensar em um inconsciente que se impõe desde o Real. E se ele se impõe desde o Real, não podemos pensar que também aí o Real não produz um sujeito? A aproximação, portanto, entre as estruturas não se torna inevitável? É necessário seguir fazendo separações tão definitivas? É dizer, o sujeito psicótico pode assumir uma condição de sujeito do inconsciente?

Lacan é ainda mais claro quando diz que “a questão não é tanto a de saber por que o inconsciente que está aí, articulado à flor da terra, permanece excluído para o sujeito, não assumido – mas por que ele aparece no Real” (Lacan, 2010, p.21). Este inconsciente no Real, apesar de atuar de forma diferente, não é igualmente produtor de um sujeito passível de significação?

Em outra passagem referente ao presidente Schreber, Lacan é conclusivo: “há manifestadamente no caso do presidente Schreber uma significação que concerne ao sujeito, mas que é rejeitada, e só se projeta de maneira ainda mais esbatida em seu horizonte e sua

ética – e seu reaparecimento determina a invasão psicótica” (Lacan, 2010, p.105). Esta significação de sujeito rejeitada - conhecida como o pensamento de “como seria belo ser mulher no ato sexual” – retorna desde o Real exigindo do sujeito ter que lidar com a questão. Ao ser foracluída do pensamento, completamente rejeitada, ou seja, não haver sido por Schreber nem pensada, é o que retorna na formação delirante de ser a mulher de Deus para a formação de novos homens.

Schreber não acolhe o pensamento, não faz nada com o que lhe ocorre. Pelo contrário, nega que tenha pensado. Sabemos que o discurso do inconsciente não é uma questão determinante ao sujeito, como verdade absoluta. No entanto, ao ser negada, se torna uma verdade que se impõe ao sujeito e a saída de Schreber é a formação do delírio.

A inoperância de Schreber do lado feminino o transforma na mulher de Deus. É através do delírio que lida com o pensamento que se “impôs” em sua cabeça. Não se assume fantasmaticamente na posição feminina, incapaz de fazer algo com o que lhe ocorre ao pensamento. Portanto, não transita entre as posições de sujeito e objeto.

Pode-se dizer que Schreber trabalha apenas com a característica *tenue* do sujeito, estando sua condição de sujeito atrelada à gramática. Não se reconhece como o sujeito que produz esta fala, ou este pensamento. Não há sustentação fálica para relativizar a condição do pensamento que lhe ocorre, fazer algo com isso, senão rechaçar completamente a própria autoria do pensamento, não extrai nada desta sentença. Não admite a possibilidade do inconsciente. Já a característica *etoffée* do sujeito se reconhece na posição de enunciação, para além da gramática, e isso não questiona sua integridade subjetiva. Admite a possibilidade do inconsciente e desde aí se faz algo com isso, deixa-se levar, produzindo um sujeito do inconsciente.

Nesta ideia, é possível admitir que na estrutura haja sujeito, sendo uma condição da fala e da linguagem, mas nem sempre se admite que se faça algo com ele, nem sempre o paciente consegue. Logo, entende-se que ou se admite ou se forclui o sujeito do inconsciente quando é possível reconhecer sua ocorrência. No entanto, quando da foraclusão, sendo justamente o que se impõe na metáfora delirante. Sabemos que a estrutura do sujeito do inconsciente existe apenas na linguagem, e o analisante extrai, aproveita algo disso, ou não.

7. CLÍNICA

Se a escuta clínica fenomenológica visa o conteúdo do dito, a escuta psicanalítica acolhe o endereçamento do não-dito. Neste sentido, a escuta dos efeitos do não-dito é o diferencial do tratamento psicanalítico, sendo nas voltas do discurso que um sujeito se produz, efeito do que é, portanto, dito.

Assim, não era por retórica que Lacan tanto frisava que uma carta sempre chega a seu destino. Era uma divisa para a escuta clínica psicanalítica, como o lugar que acolhe as cartas que sempre chegam a seu destino. O psicanalista aguarda como *posta restante*. Faz o acolhimento dessas cartas endereçadas ao Outro.

Para organizar a sua escuta, assim como o funcionário do correio, o psicanalista precisa fazer a correspondência entre o remetente e o destinatário. Ele então se pergunta: essa forma de endereçamento corresponde a qual forma de destinatário?

É através dessa distinção que se toma o ato analítico como acontecimento - desde a posição que é a da transferência capaz de transformar, com o sujeito, a narrativa em uma experiência. Situa-se, portanto, a narrativa da clínica em questão, na articulação de escuta e transferência para construção de um caso, fazendo-se relevante a diferenciação entre construção do caso e o histórico meramente descritivo de um tratamento.

Um caso é analisado para se produzir conceitualmente e possibilitar situações de pesquisa. Para Fedidá (1991, p. 230), o caso é “a teoria em gérmen”, sendo esse, na psicanálise, “uma capacidade de transformação metapsicológica (...) inerente a uma atividade de construção tal como a análise de supervisão seria capaz de constituir. Em outros termos, o caso é construído. Enquanto tal, ele não pode proceder de um relato”, vai além da trama dos eventos e é efeito de construções, fantasias e hipóteses que se fazem em conjunto, sendo em supervisão ou em comunicações científicas.

Neste sentido, a construção do caso faz confluir em si as potencialidades de um recorte da clínica que vai dizer de um trabalho em transferência, atento aos pormenores da prática que dá voz a um sujeito. Desta forma, é alternativa à mera história clínica, na qual as características descritivas se evidenciam e a transferência não tem entrada, o que por consequência impede a aparição do sujeito.

Ao escutar este sujeito que a psicanálise faz retornar desde sua exclusão do campo da ciência, ingressamos no registro da estrutura e do desejo, admitindo o que ganha o nome de *realidade psíquica* guiada pela lógica fantasmática. A escuta e admissão desse sujeito, de seu sintoma, e suas elaborações simbólicas, fazem emergir a construção de uma nova modalidade

de tratamento que se ocupa com o que se extrai das formações do inconsciente, das interpretações e daquilo que, pela simples descrição dos fenômenos, fica velado: o sujeito que passa a ser o centro da questão. Conclui-se, então, que a forma como um sintoma se apresenta pela fala diferencia-se da forma como o mesmo apresenta-se em sua mostração, no que se dá a ver como objeto do Outro capaz de curá-lo. Escuta-se a verdade do sujeito em referência a seu sintoma, que só pode ser enunciada pelo semi-dizer, pelo enigma, o não todo.

É precisamente essa inversão no tratamento, se assim podemos dizer, em relação à escuta do sujeito, que vamos chamar à atenção na construção de dois casos explicativos:

7.1 A ESCUTA DO SUJEITO COMO DIFERENCIAL

Até o acolhimento da paciente em tratamento psicanalítico a mesma vinha, há mais de vinte anos, recebendo tratamento psiquiátrico, medicamentoso, baseado nos fenômenos que apresentava enquanto sintomas desde seus 16 anos. A escuta psicanalítica possibilitou a emergência de algo novo, uma forma de interpretar a realidade que se apresenta na construção de sua fala, nas voltas de seu discurso e, de certa forma, possibilitou um rumo diferente aos sintomas e ao tratamento.

A escuta dos fenômenos de linguagem é por si só diferencial a outras abordagens terapêuticas, pois é notória, pela paciente, outro modo de consideração de sua queixa e seu sofrimento, que se atualizam no tratamento com novo enlace. Evidenciou-se a necessidade da escuta do sujeito que se posiciona no sintoma. Com a entrada do sujeito, possibilita-se a dúvida ao diagnóstico de Psicose, como a paciente primeiramente foi tomada em tratamento. Quando no discurso sobre o sintoma abre-se a via do desejo e o intervalo com o Outro, propriamente, aparece o que é da ordem do recalque. Algo lhe escapava no sentido de seus sintomas e o novo aparece: não estava *todo dito*.

No primeiro atendimento, a paciente, de 45 anos mostra sua carta de apresentação: a camisa remangada expondo grandes cicatrizes, verdadeiros buracos em seus braços resultantes de suas investidas contra a pele. Fala constantemente sobre a vontade de se machucar, condensada à autoprivação e ao arrependimento: “tenho vontade, mas sei que não posso, porque me arrependo. É bom e eu quero, mas não posso”. Conta que abria as cicatrizes em sua barriga, marcas da gravidez de seu único filho e da cirurgia bariátrica após a qual ficou internada por longo tempo em função da não cicatrização dos pontos cirúrgicos. Diz que manipulava os cortes, desfazia os curativos, abria e despejava um produto de limpeza comprado em uma venda próxima ao hospital, saindo do leito *enganando* médicos e enfermeiras, além da mãe que a acompanhava. Conta que esta manipulação, tanto dos médicos quanto de seu corpo, proporcionava-lhe imenso prazer. Alegava ser “a única que sabia o que fazia” e que quando os médicos descobriram, parou. Relembra constantemente a frase “eu sei como me machucar, sei como fazer”, que repete seguidamente e se faz notar como uma das poucas coisas da qual detém algum saber.

Conta que na infância era fortemente vigiada pelos pais. Da mãe, fala de certas desavenças, mas também de uma submissão irrestrita da qual é complacente, principalmente depois do falecimento do pai, o que fazia com que a paciente passasse o dia todo fechada em seu quarto vendo televisão ou ouvindo rádio, algo a que diz “estar acostumada”. Por isso,

sente muita dificuldade em sair de casa, sendo o quarto o que chama de “sua internação”. A mãe não a deixava sair à noite, nem se relacionar com outras pessoas, fazendo companhia a ela.

De seu pai, lembra de correr para o quarto quando ele chegava, pontualmente às sete horas da noite. Queria já estar na cama, dormindo. Mantém o hábito, até hoje, de dormir com auxílio de medicação ingerida no mesmo horário. Reclama que seu problema “é a noite”, quando suas angústias emergem.

A dependência da paciente para com seus pais tem uma referência precisa. Aos 16 anos ocorre um fato que se marca fortemente: tem sua primeira relação sexual com o namorado, por quem era apaixonada, e da qual provém o nascimento de seu filho. Até então, mantinha o namoro em segredo. Lembra a “dor” sentida na relação, mas da qual guarda uma satisfação muito clara, que parece impedida de pronunciar. Em função da evidente gravidez, seus pais a reprimem e fazem menção de processar o namorado por “estupro”. A paciente é então impedida de ter contato com ele. É escondida, marcada pela insígnia do suposto estupro, impedida de sair à rua ou aparecer grávida na varanda, o que acarreta na futura dependência de alguém que administrasse sua vida. É complacente com a posição de objeto, forma como se coloca nas relações com seus familiares, médicos e terapeutas. Recebe do estado, posteriormente, a insígnia de “interditada”.

Nas palavras da paciente, em tratamento, o acontecimento ganha outra versão: apesar de não contradizer os pais, fala desde a posição de um saber: “sabia que não era um estupro” e “queria” a relação. Conta que este fato é a gênese de todos os seus problemas. Desde então, nunca mais teve outra relação sexual, alegando “não conseguir”. Diz que desde a gravidez “se machuca”, voltando-se contra si mesma, mexendo em seu corpo, arrancando mexas de cabelo, abrindo a barriga com uma pequena tesoura procurando suprir o que chama de vazio.

A paciente conta sua história e suas queixas sempre na repetição das mesmas frases que, apesar de deslizarem, deslocarem-se em referência a outros significantes, parecem dotadas sempre do mesmo nível de afeto. É uma pessoa com recursos de linguagem. Se questionada, fala sobre diversos temas, mas quando o assunto é sobre si, as frases se repetem. Inibe-se. O que diz de si parece vir na forma de sintoma, então com uma figuração masturbatória, fora de seu controle: sente “calor, ardência”; com um pano se raspa até sangrar, arder, ficar em carne viva. Abre a pele da cicatriz na barriga com a tesoura, até sentir que não deve ir mais além. No entanto, sempre sentindo muito prazer, alegando “fazer para si, e não para os outros verem”. Evidencia-se o fato de como consegue, com tais sintomas, convocar o

olhar, estar sob vigilância, deixando-se ver na busca pelo olhar do outro servindo como objeto dos médicos que, por sua vez, são objetos constantes para ela, incluindo seu terapeuta.

É a forma como se compõe a sua cena fantasmática, que inclusive implica na impossibilidade de dizer estar “bem”, pois sua queixa, que é o que também situa e envolve o laço transferencial, como o sintoma se atualiza na transferência, não permite que esteja bem. São constantes as investidas por telefone, as tentativas de delegar aos outros suas responsabilidades. Quando tais atitudes são interpretadas, fica confusa, dizendo não fazer para os outros, mas para si. No entanto, a partir disso, abre uma série de possibilidades de fala que são por ela investidas.

(...)

Esta paciente foi recebida em tratamento psicanalítico em um contexto de saída de internação psiquiátrica. Com diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia e de transtorno de personalidade borderline, apresentava alguns sintomas clássicos destas patologias como isolamento e inaptidão social, compulsão alimentar, autoagressão, dependência irrestrita e relação especular com o Outro materno, rejeição ao que era da ordem sexual, dissimulação e relação esquizoide com o corpo.

Isto era o que se via. O que a paciente mostrava. Tal gama de fenômenos era o que orientavam suas seguidas internações, principalmente em relação às situações de risco em que se colocava na manipulação de seu próprio corpo. Além disso, a forma como se posicionava, diante do Outro materno, que rejeitava sua condição de sujeito.

Pode-se dizer que, até o início do tratamento psicanalítico, a paciente foi de fato estuprada, mesmo que esta tenha sido uma interpretação dos pais. E que o discurso do Outro materno não reconheceu um sujeito desejante na ocorrência da relação sexual. Não reconheceu que houve interesse por parte do sujeito. É quando se dá o início de seus sintomas, quando as escolhas que faz que não encontram no Outro o amparo necessário para a confirmação de seu desejo. A vitimização do ato no discurso do Outro - “foi estuprada” - foi impeditiva ao sujeito de aceder ao Eros: a sustentar sua posição desejante. E a paciente aceita a interpretação do Outro, submetendo-se ao moralismo paterno assumindo a posição da vergonha causada a sua família por uma gravidez sem casamento.

Neste sentido, uma clínica que se orienta pela descrição dos fenômenos e pela cura em relação ao desaparecimento destes, encontra neste caso uma nomeação que orienta o tratamento. Bastando fazer com que os sintomas presentes não tenham mais ocorrência, um diagnóstico de esquizofrenia encerra toda possibilidade de emergência de um sujeito desejante que fale por si mesmo e tenha reconhecimento no Outro. O diagnóstico cala o sujeito e orienta

os procedimentos necessários para o tratamento, tais como as seguidas internações, medicações fortes e incapacitantes e a vigia irrestrita. Através disso, a paciente segue na posição de objeto do Outro, justamente por sua condição de sujeito não ser lida. Não fazer nenhuma diferença na relação com os sintomas.

Pergunto-me quantos são os casos em que esta particularidade é confundida com uma psicose, como se ela fosse restritiva ao que é da ordem desta clínica. Quantos são os casos em que os fenômenos confundem sua interpretação e acabam por ser restritivos à emergência do sujeito.

No entanto, os sintomas da paciente insistem. Não cessam. Há algo que convoca à satisfação, que insiste em não se inscrever, não aceitar padecer frente ao Outro. Para a mãe e para quem se dedicava a seu tratamento ela era um objeto aparentemente passivo, no entanto, algo de seu sintoma envolvia manipulá-los e enganá-los, sempre através de um saber em segredo. Havia neste sintoma um sujeito ativo, sempre presente na posição de sujeito, mas que não era lido, mesmo sendo efeito do discurso. Há existência estrutural do sujeito que se dava a ver, diferentemente da paciente que era vista nas internações, que apresentava fenômenos que precisavam ser combatidos.

É esta posição que diferencia a escuta psicanalítica da escuta fenomenológica. Escutar o sujeito é também apostar no vazio que constitui o sujeito: escutar o que não se encontra de antemão, mas que pode emergir desde uma leitura que não encerre as possibilidades de emergência do sujeito, que não encerre a possibilidade de transitar por sobre a banda de Moebius na alternância de posições. É também supor um sujeito onde não haveria possibilidade de transitar entre a dialética com o objeto e fazer algo com isso.

A questão do diagnóstico se faz muito relevante neste sentido, pois muitas vezes entendemos o diagnóstico como algo restritivo em relação ao sujeito. E, ainda mais, quando nos deparamos com a dualidade neurose-psicose. Muitas vezes, mesmo no campo da psicanálise, fazemos a diferenciação diagnóstica estrutural sem levar em conta que, de fato, ao final de seu ensino, Lacan não parece mais fazer divisões diagnósticas precisas. Desse modo, até mesmo o diagnóstico estrutural pode ser ensurdecedor ao que é da ordem do sujeito. Esta é também, de alguma forma, a questão inicial que motivou esta pesquisa. A forma com que um diagnóstico pode estigmatizar um tratamento.

(...)

Escutar a paciente é um trabalho árduo, principalmente pela dificuldade em se manter isento aos grandes cortes nos braços e a forma como concentra a atenção de qualquer interlocutor com seu ímpeto, seu desejo de se cortar e se machucar, principalmente se voltar contra sua barriga, e na forma como faz isso, com as referências que dá ao corte, o prazer envolvido, a dor, a carne, o vermelho, a ardência e o calor são significantes constantes. Tal dificuldade foi o que situou a relação terapêutica ao longo de mais de vinte anos de diversos tratamentos e internações. Através de seus sintomas, os profissionais se obrigavam a se debruçar sobre ela para ao menos impedir que ela realizasse os cortes. É também como situa os profissionais que sobre ela se debruçam, referindo o saber sobre se machucar como um dos únicos dos quais realmente diz ser entendedora. É uma clara e manifesta fonte de prazer, que diz “fazer para si”, além de ser a “armadilha” fantasmática na qual caem os profissionais desavisados da transferência, que envolve o olhar do outro como objeto de seu prazer e investimento sobre ela.

Toca-se até ficar “em carne viva”, arranha a pele, raspa com um pano, abre as cicatrizes da barriga com uma pequena tesoura, mexe nos antigos pontos. Todavia expõe também o conflito envolvido nesse prazer, o não poder se machucar, o controlar-se para não o fazer, o limite entre o prazer e o sofrimento, além do invariável arrependimento posterior ao corte. É possível ler o caráter erotizado deste sintoma, investindo em partes distintas do corpo algo do que, nos órgãos sexuais, está impedida. Onde opera o que é da ordem do recalque: contorno erógeno que tais machucados clarificam na modalidade do toque. Além do conflito entre desejos opostos aliados à construção do sexual no ser humano.

Desde os textos *Três Ensaio Sobre a Sexualidade* de 1905, Freud faz menção ao sintoma histérico visto propriamente como um conflito. Diz que “entre a premência e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas” (Freud, 1996m, p. 156). Refere ainda que “o ensejo para o adoecimento apresenta-se à pessoa de disposição histérica quando, em consequência de sua própria maturação progressiva, ou das circunstâncias externas de sua vida, as exigências reais do sexo tornam-se algo sério para ela.” (idem). Como visto, Freud funda o sintoma histérico num conflito de interesses opostos da ordem do sexual entre o real do interesse e a repressão ao sexo, o que fica claro no sintoma da paciente.

A forma como a paciente constitui e exerce sua sexualidade, principalmente na infância e adolescência, se dá de forma particularmente conturbada, em um ambiente repressor, presa e proibida de exercer as primeiras pulsões sexuais. O que notamos,

principalmente na relação com a mãe, é uma completa prisão, restrição e vigilância de seus atos. É o que também notamos, à primeira vista, na idade adulta: a indisposição para o sexo, a reclusão domiciliar e as dificuldades de sociabilidade. É uma extensão do olhar de vigilância da mãe, a que parece presa como objeto, e que a aproxima de uma estruturação psicótica.

No entanto, o que se percebe em sua história é uma implicação subjetiva outra, em direção ao seu desejo, mas que posteriormente é desimplicada, sem forças para exercer sua posição de sujeito. Na tentativa de dar vazão a sua sexualidade na adolescência, uma fuga à dependência materna, elaborara uma saída à alienação da mãe. Primeiramente tenta buscar o pai, também entregando-se a ele. Esperava-o na cama, quando chegava em casa, fantasiando com sua visita ao quarto.

Posteriormente, numa tentativa de romper com uma relação intrafamiliar, começa a namorar. Investe na sua sexualidade, em um elemento externo à relação familiar, no social: o namorado, e se entrega a ele com o desejo mesmo investido em alguém que poderia libertá-la dos laços familiares tão fortemente amarrados. Entendemos o ato de namorar como erotização de um objeto sexual, o envolvimento fantasioso de dar vazão e contorno erótico às pulsões sexuais que emergem na adolescência.

Emerge neste contexto um sujeito desejante, tocado pela falta e pela necessidade de satisfação, de possibilidade de completude, alheia ao interesse dos pais. Consoma o ato sexual e o simboliza, mesmo com a dor, com o sangue, com o corte em seu corpo e com a posterior insígnia do estupro, como algo de que teve prazer. O que não contava (será?) era com o resultado inesperado deste ato, logo na primeira relação, a gravidez e chegada do filho.

A comprovação do ato sexual, que simboliza o rompimento com o que é da ordem familiar e que se evidencia com a gravidez ganha a consideração e interpretação dos pais de um estupro, mesmo numa relação sexual que ela admite ter desejado, apesar de nunca lhes haver revelado, é reprimida pelos pais. Não suportam o fato de ela ter buscado uma relação sexual e a condenam à reclusão. A paciente, sem forças para lutar contra os pais, aceita. Padece frente a eles, abrindo mão de sua posição sexual desejante, sua posição de sujeito.

No entanto, as questões do sexual insistem e o sujeito do desejo, inconsciente, segue atuante no sintoma de forma deslocada, na manipulação dos outros e dos cortes e no infringir-se a dor, que aparece extremamente erotizada e escondida. É a forma como, posteriormente, a paciente se organiza sexualmente para seguir com possibilidade de gozo, que passa por uma negação de seu desejo, impossível de ganhar lugar na lógica familiar, e pela formação do sintoma como *retorno* de uma significação que insiste: é ela quem se machuca, não o outro

quem a machuca. Não foi abusada, desejou a relação. É sujeito da ação e passa a se reconhecer desde esse lugar.

Em tratamento, situa esse momento da gravidez como o estopim de suas crises, de seu sintoma, de sua “loucura”. Ocorre um retrocesso, uma volta aos confins da prisão familiar. Durante a gravidez foi escondida nos fundos de casa, era uma vergonha para os pais. Não podia sair à rua. Seu filho lhe foi retirado, criado pelos pais e tratado como um irmão. Os pais não reconhecem um sujeito. Precisamente, o sujeito desejante, que se enamorou por um homem e vivenciou a erotização do sexo. A partir daí, renega completamente sua sexualidade, principalmente por que não iria sair dos olhares atentos dos pais e por ter significado uma relação sexual, a única que teve, como um estupro.

Não à toa, uma das construções da paciente em tratamento é o fato de não conseguir relacionar-se com homens, mas com certa fantasia de que algum lhe marque com uma força, com um *coup de force*, que alguém a tome como mulher forçosamente. Ao renegar essa sexualidade que emerge constantemente, por estar justamente constituída, ela age no sujeito como necessidade de satisfação, e a forma como ocorre na paciente isso ocorre é se cortando, machucando seu corpo, lembrando constantemente aquela cena primeira de sua relação sexual.

Pergunto-me se não haveria aí algo da relação do corte, da necessidade do corte como tentativa de separação dos pais. Fazer os machucados condensa o ato sexual, as marcas não simbolizadas da gravidez. O corte faz sintoma, mas é litoral para a questão do sujeito: é muito significativo que seja este o sintoma da paciente, a forma que encontra, no corte, a possibilidade de exercer uma sexualidade possível. Sendo as feridas não cicatrizadas, as marcas na pele, uma abertura para a emergência do sujeito, em separado dos pais. É mantendo essa abertura, pondo o dedo no buraco, que pode desejar, pode demandar ao Outro. São as marcas de um sujeito do inconsciente que faz metáfora nos cortes, nas aberturas. Ao dar possibilidades para isso em sua fala, pode sustentar uma posição desejante em um limite de não prescindir mais dos cortes para obter prazer, possibilitando-se, aos poucos, exercer algo da ordem do sexual por outras vias, inclusive mantendo relações sexuais.

Admitir seus cortes como parte da construção de sua sexualidade é uma volta interessante no tratamento. A admissão de seu sintoma, por parte do psicanalista e da paciente, não mais como apenas passível à internação psiquiátrica, cria um espaço possível para emergência do inconsciente em seu tratamento e a diminuição de sua angústia. O ato ganha a dimensão do sujeito e do desejo.

O que até então situava os sintomas da paciente em um diagnóstico de psicose no tratamento psiquiátrico: sua relação com o corpo e forma como se posicionava na relação com o Outro, ganha uma variação importante. Os cortes, que ao longo dos anos eram apenas tomados no registro físico, com uma leitura dos fenômenos sintomáticos enrijecida, jamais puderam ter um destino diferente que não a própria efetivação das investidas contra a pele, única possibilidade para o sujeito de satisfação pulsional. Tais sintomas não faziam referência a outra coisa, evento ou motivo vago ou específico, ficando restrito ao corte em si. No entanto, ao ganhar a possibilidade da fala, o que tinha a dizer sobre os cortes, sua história e sua relação com o corpo – sob nova leitura - poderia representar muito mais do que apenas um corte.

Operar sobre esse corte se fez necessário e ficou evidente quando algumas referências históricas e imaginárias puderam ser ditas em relação aos fenômenos sintomáticos. A escuta clínica psicanalítica do sujeito produziu uma leitura outra, para além dos cortes no registro apenas físico, concreto, principalmente fazendo referência aos momentos de sua vida em que atuou como sujeito agente de seu desejo, e apostando na sua escolha subjetiva, na qual, mesmo com a negativa posterior, estava inscrita anteriormente. Enquanto recursos metafóricos de uma sexualidade latente, os cortes ganharam contornos erógenos, em uma clara suposição de sujeito do inconsciente que, na associação livre, entre os significantes, fala. Não é dito, mas se escuta. Estava situada para além da referência direta ao Outro, aí referido aos pais da paciente. Como referência então à banda de Moebius, produziu-se um corte que situa uma dupla face entre o material consciente e inconsciente. Neste sentido, possibilitando uma nova configuração do tratamento em referência a uma figuração fantasmática que recorta a cena do mundo.

7.2 O SUJEITO DO INCONSCIENTE E O NOME

Em situação de apresentação de pacientes, o jovem de 18 anos, desde os 7 morador de abrigo social, quando perdeu contato com familiares, e com diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia paranoide, elabora outra das diferentes versões contadas por ele mesmo sobre sua história e sua origem. Revela os motivos de morar no abrigo e sua relação com a irmã mais nova, de quem tem poucas notícias. Revela muitas fugas deste lugar onde mora, na tentativa de obter contato com a irmã. Do pouco que se sabia sobre os dados de sua história relatados pelos profissionais do abrigo, o jovem elabora outras versões completamente diferentes, com motivações e razões diversas das que antes se teve conhecimento, mesmo as comunicadas por ele próprio. Ao final, conta que está ingressando na nova oficina terapêutica de rádio da clínica, e que nesta será o comunicador “contador de lendas urbanas”. Nesta deixa, o psicanalista que apresenta o caso faz uma inferência: “percebe-se que tu tens muitas histórias para contar, muitas lendas urbanas. A clínica vai gostar de ouvi-las”.

Nesta função, passa a se reconhecer como o contador de lendas urbanas. É o lugar em que passou a assumir, onde consegue espaço e o reconhecimento do Outro, agora com a certeza do valor de sua fala na invenção de uma história que se pareceu perdida, mas que agora ganha novo contorno.

O jovem não sabe por que se sente reconhecido como contador de lendas urbanas. No entanto, esta operação de nomeação consistiu em um deslocamento que o paciente operou a partir da intervenção. Esta operação poderia ser comparada a uma metáfora, mas não é necessariamente uma metáfora, pois, nesse caso, a emergência do traço (contar histórias) não foi sucedida pelo apagamento que constitui a substituição metafórica, mas por deslocamento, deslizamento por contiguidade, é dizer, pela vizinhança metonímica: ele é aquele que conta lendas urbanas e é reconhecido como tal pelo Outro referido na clínica.

Como vemos, estes casos foram construído através da escuta em transferência, onde opera justamente a desconstrução do fenômeno e o acolhimento do “alienado”. Uma clínica que se oriente pela escuta do sujeito não faz referência a um diagnóstico especificado. É questão de abrir escutas, convocando o sujeito, o que se trata em psicanálise. Como vemos, a forma de escuta é o que diferencia os diversos campos do tratamento com os sujeitos que recebemos em nossos serviços. O que modifica o próprio valor do sofrimento daquele que nos procura.

É possível pensar uma clínica para além da questão diagnóstica? É ela necessária para a psicanálise? Notamos que a psicanálise não se implica na atribuição de nomes que encerrem

a questão do sujeito. O nome, quem se dá, é o próprio sujeito, através das construções de sua fala e do reconhecimento de que, em sua fala, se produz um sujeito como efeito. Um sujeito que não está presente a priori, mas que se produz ao se reconhecer e ser reconhecido pelo Outro naquilo que diz. Neste sentido, toda tentativa de nomear de antemão um sujeito fracassa, pois ao ser nomeado, se deixa de ser sujeito. O sujeito sempre escapa, é o que foge às representações. Ou seja, faz-se notar, que todo sistema de classificação é, em si, forclusivo, deixando o sujeito de fora de seu campo de representação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos ao longo deste trabalho que a questão do sujeito na clínica das psicoses tem uma entrada fundamental na teoria e na prática da psicanálise, mas que muitas vezes parece um ponto secundário, à margem da clínica das psicoses. Esta questão se posiciona como relevante justamente por questionar a rigidez com que trabalhamos com os conceitos de estruturas clínicas, que muitas vezes acabam por restringir a própria escuta psicanalítica, dificultando o aparecimento daquilo que, nesta prática é o que há de mais genuíno e diferencial em relação a outras abordagens nos tratamentos psíquicos: a escuta do sujeito.

Apontamos para a castração do Outro (A Barrado) como o lugar do sujeito, o que implica diretamente nas questões da transferência e da posição do analista no tratamento. Com uma atribuição da posição de sujeito ao próprio sujeito, o analista, no lugar de (A Barrado), sustenta a possibilidade de que neste trabalho de reconhecimento de haver um sujeito ali, algo possa operar. O que, até então, não era possível por estar foracluído do campo do registro simbólico.

É interessante retornar, com isto, à pergunta inicial que motiva esta pesquisa sobre o sujeito: a busca da origem da tese de “não haver sujeito na psicose”. Pergunto-me se esta reflexão sobre a inexistência do sujeito não é reflexo de uma perda social desta capacidade de ser um sujeito e de se representar como sujeito no reconhecimento do Outro de que se é, mesmo em sua loucura, um sujeito, com sua própria realidade psíquica. É dizer, que não haver ali um sujeito é uma questão do Outro, que a partir de algum momento passa a não reconhecê-lo.

É o que notamos em nossas clínicas, nos CAPS e Hospitais-Dia. Sujeitos que não são reconhecidos em sua qualidade de sujeitos, aí sim, objetos de um Outro (ou outro) que não reconhece a função de sujeito. Neste sentido, quando se diz que na psicose não há laço social ou há dificuldade neste, de quem de fato é esta dificuldade? Quem não faz laço social? Aquele que chega a nossos consultórios ou aquele que não reconhece uma posição de sujeito?

Orientamos nossas intervenções desde a possibilidade de produzir um sujeito nesta clínica. Posicionando-nos como o lugar da falta é possível, escutar um sujeito, seja no reconhecimento, seja na leitura do que se diz ou mesmo na inferência de um sujeito que ali se faça presente. É dizer, que o sujeito não está presente a priori, é uma produção, efeito do que se diz seja de forma manifesta, nas entrelinhas da fala ou na metáfora delirante.

Para concluir sustenta-se o que propõe Tenório (2001, p. 84) ao elaborar que a produção de sujeito “não é nem reencontro de um ser de sujeito preexistente nem resultado

final de um processo cumulativo no qual conquistados tais e tais requisitos temos de agora em diante um sujeito. É uma produção pontual”, ou seja, efeito de uma produção e reconhecimento, no Outro, da mesma.

Através do termo original *sujet* apontamos para a diferenciação das posições restritas na dialética filosófica sujeito-objeto, sendo o que orienta a escuta psicanalítica justamente a transição entre as posições em relação à lógica do significante no sujeito. Com o auxílio da banda de Moebius sustenta-se a mostração deste sujeito como “produção pontual”, efeito momentâneo do ato da fala e que somente no trânsito sobre a continuidade da banda que encontra um ponto de ancoragem.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, T. (2003). *Notas de literatura*. São Paulo. Editora Duas Cidades. (Original Publicado em 1974)
- Bachrach, A.J. (1974). *Introdução à pesquisa psicológica*. São Paulo. EPU. (Original publicado em 1965)
- Cabas, A.G. (2010). *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Caon, J.L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, 10 (1), 1997.
- Costa, C.A.R e Freire, A.B. (2010). Lacan, secretário do alienado. *Mental*, vol. 8, nº. 14. Barbacena.
- Damourette, J. et Pichon, E. (1925). *Grammaire et inconscient*. E.P.E.L. L'unebevue.
- Descartes, R. (1983). *Meditações*. Em: *Os Pensadores*. São Paulo. Ed. Abril Cultural.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre. Artmed. (Original publicado em 1985).
- Dor, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Coleção Transmissão da Psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- Dunker, C.I.L. (2013). *A psicose na criança tempo, linguagem e sujeito*. São Paulo. Zagodoni.
- Eidelsztein, A. (1992) *Modelos, Esquemas y Grafos en la enseñanza de J. Lacan*. Buenos Aires. Manantial.
- _____. (2012a) *Las estructuras clínica a partir de Lacan. I. Intervalo y holofrase, locura, psicosis, psicossomática y debilidad mental*. Buenos Aires. Ed. Letra Viva. (Original publicado em 2003).
- _____. (2012b). *La topología en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires. Editora Letra Viva. (Original publicado em 2006).
- _____. A. (2011) *Las estructuras clínicas a partir de Lacan. II. Neurosis, histeria, obsession, fobia, fetichismo y perversiones*. Buenos Aires. Ed. Letra Viva. (Original publicado em 2008).
- Elia, L. (2010). *O conceito de sujeito*. Coleção Psicanálise passo-a-passo. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.

- Fédida, P. (1991). *Nome, figura, memória. A linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo. Escuta.
- Fédida, P. (1999). *Morphologie du cas dans la psychanalyse: questions ouvertes*. In *Les cas en controverse*. Fédida, P. e Villa, F. (org.). Paris. P.U.F.
- Foucault, M. (2000). Estruturalismo e pós-estruturalismo. In *Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1973).
- Freud, S. (1996a). Análise terminável e interminável. Em *Obras Completas*, vol. XXIII. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1937)
- _____. (1996b). Sobre o Narcisismo: uma introdução. Em: *Obras Completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1914)
- _____. (1996c). Conferências introdutórias sobre Psicanálise: Em *Obras Completas*, vol. XV. Rio de Janeiro. Imago. (original publicado em 1915)
- _____. (1996d). A história do movimento psicanalítico. Em: *Obras Completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro. Imago. (original publicado em 1914)
- _____. (1996e). Neurose e Psicose. Em. *Obras Completas*. Vol. XIX. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1923)
- _____. (1996f). A perda da realidade na neurose e na psicose. Em: *Obras Completas*, vol. XIX. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1924)
- _____. (1996g). As psiconeuroses de defesa. Em: *Obras Completas*, vol. III. Rio de Janeiro. Imago. (original publicado em 1894)
- _____. (1996h). A Negativa. Em: *Obras Completas*, vol. XIX. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1925).
- _____. (1996i). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides). Em: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1911)
- _____. (1996j). Os instintos e suas vicissitudes. Em *Obras Completas*. Vol. XIV. Imago. Rio de Janeiro. (Original publicado em 1915).
- _____. (1996k). Estudos sobre a histeria. Em: *Obras Completas*, vol. II. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1895).
- _____. (1996l). O Inconsciente. Em: *Obras Completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro. Imago. (original publicado em 1915).
- _____. (1996m). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro. Imago. (Original publicado em 1905).

- _____. (1975). Triebe und Tribschicksale. In Freud-Studienausgabe. Vol. III. Psychologie des Unbewussten. Frankfurt: Fischer, p. 91. (Original publicado em 1915).
- Guerra, A.M.C. (2010) A psicose. Coleção Psicanálise passo-a-passo. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- Julien, P. (2002) Psicose, perversão, neurose. A leitura de Jaques Lacan. Rio de Janeiro. Companhia de Freud.
- Lacan, J. (1998a). Ciência e verdade. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1966).
- _____. (1998b). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1966).
- _____. (1998c). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1966).
- _____. (1998d). Do sujeito enfim em questão. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1966)
- _____. (1998e). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1966).
- _____. (1998f). Subversão do sujeito e dialética do desejo. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1966).
- _____. (2010). *O seminário, Livro 3. As Psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1981).
- _____. (1956). Psychoses Em: <http://staferla.free.fr/S3/S3%20PSYCHOSES.pdf>
- _____. (1958-1959). *El Seminario, libro 6. El deseo y su interpretación*. Edição de circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires. (Inédito).
- _____. (1958-1959). Le désir. Em: <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf>
- _____. (1971-1972). Seminario *El saber del Psicoanalista*. Edição de circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- _____. (1961-1962). L'identification. Em: staferla.free.fr
- _____. (1980). *Dissolution*. Em GAOGOA. http://gaogoa.free.fr/Seminares_HTML/27-D/12071980.htm
- _____. (2008). *O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. (original publicado em 2007).
- Le Gaufey. G. (2010). *El sujeto según Lacan*. Córdoba. Ediciones Literales.
- Marote, D. (2004). *Minidicionário Francês-Português, Português-Francês*. São Paulo. Editora Ática.

- Melman, C. (1991). *Estrutura lacaniana das psicoses*. Artes Médicas. Porto Alegre, Porto Alegre.
- Nasio, J. D. (1997). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- Pereira, R.F. (2006). Litoral, sintoma, encontro – quase ensaio. Em: *Revista da APPOA*. Ano XII, nº 30 (p 53-68). Porto Alegre.
- Porge, E. (2009). *Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, Hoje*. Ed. Unicamp.
- Quinet, A. (2011). *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro. Forense Universitária.
- Rodilla, C.M. (2001). *El sujeto tachado: metáforas topológicas de Jacques Lacan*. Madri. Biblioteca Nueva.
- Soler, C. (2012). *Estudios sobre las psicoses*. Buenos Aires. Manantial.
- Strachey, J. (1996). In: Freud, S. (1996j). Os instintos e suas vicissitudes. Em *Obras Completas*. Vol. XIV. Imago. Rio de Janeiro. (Original publicado em 1915).
- Tenório, F. (2001). *A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro. Editora Rios Ambiciosos.
- Valas, P. (2011). *Les temps pour comprendre*. Em: <http://www.valas.fr/Le-temps-pour-comprendre,244>.
- Vegh, I. (2010). A lógica do ato na experiência da psicanálise. Em: *Revista da APPOA*. Ano n. 39, (p. 20-29). Porto Alegre.
- Wolfson, L. (1970). *Le schizo et les langues*. Paris. Gallimard.
- Zuberman, J. (2006). ¿Por qué tres sujetos barrados en el grafo? Em: *Clínica psicoanalítica, clínica del objeto*. 3 Colección Seminarios.. Buenos Aires. iRojo
- Zuberman, J. (2010). *Cuerpo y sexo en el dominio del Discurso Capitalista*. Seminário da Escuela Freudiana de Buenos Aires.

10. FIGURAS

Figura 1. Transformação do Discurso do Mestre em Discurso do Capitalista.

Figura 2. Esquema R de Lacan.

Figura 3. Transformação da Banda Euclidiana em Banda de Moebius.

Figura 4. O Grafo do Desejo de Lacan.

Figura 5. Primeiro andar do Grafo do Desejo de Lacan: o Grafo de Schreber.